

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS CAMPUS CORA CORALINA PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE –
NÍVEL MESTRADO

FERNANDA MATOS MOREIRA

**OS USOS *SERÁ QUE, SERÁ SE E SERASSE* EM PERSPECTIVA
CONSTRUCIONAL**

GOIÁS
2023

FERNANDA MATOS MOREIRA

**OS USOS *SERÁ QUE*, *SERÁ SE* E *SERASSE* EM PERSPECTIVA
CONSTRUCIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Linha de pesquisa: 1 - Linguística e Interculturalidade
Orientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros

**GOIÁS
2023**

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: FERNANDA MATOS MOREIRA

E-mail: fer.matos.moreira@gmail.com

Dados do trabalho

Título: **OS USOS *SERÁ QUE, SERÁ SE E SERASSE* EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL**

Tipo:

Tese Dissertação

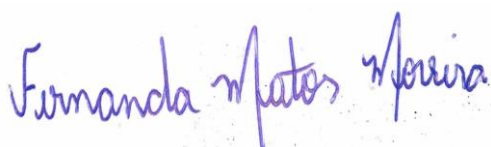
Curso/Programa: POSLLI

Concorda com a liberação documento

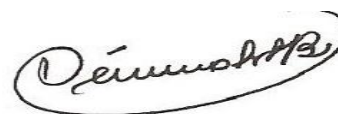
SIM NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Barra do Garças , 22 de Janeiro de 2024



Assinatura autor(a)



Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

M838u	<p>Moreira, Fernanda Matos. Os usos “será que”, “será se” e “serasse” em perspectiva construcional [manuscrito] / Fernanda Matos Moreira, – Goiás, GO, 2023. 86 f. ; il.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.</p> <p>1. Linguística. 1.1. Gramática de construções. 1.2. Modelos baseados no uso. 1.2.1. Será que. 1.2.2. Será se. 1.2.3. Serasse. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 811.134.3'36</p>
-------	---

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 27/2023

Aos vinte e nove dias do mês de novembro de dois mil e vinte e três às catorze horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do(a) mestrando(a) Fernanda Matos Moreira, intitulado “**OS USOS *SERÁ SE E SERASSE EM PERSPECTIVA CONSTRUCIONAL***”. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Déborah Magalhães de Barros – Presidente – (POSLLI/UEG), Dra. Miriam Santos de Cerqueira (UFG), Dr. Eleone Ferraz de Assis (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo(a) mestrando(a) e seu/sua orientador(a). Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o(a) presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada, () aprovada com ressalvas, () reprovada com as seguintes exigências (se houver): _____ ***O título da dissertação mudou para: “Os usos será que, será se e serasse em uma perspectiva construcional*** _____

Cumpridas as formalidades de pauta, às _____ 16:34 _____ a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, __29__ de _____ Novembro _____ de 2023.

Profa. Dra. Déborah Magalhães de Barros (POSLLI/UEG)

Profa. Dra. Miriam Santos de Cerqueira (UFG)

Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis (POSLLI/UEG)

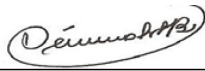
Página de assinaturas



Mirian Cerqueira
031.375.934-09
Signatário



Eleone Assis
846.534.931-20
Signatário



Déborah Barros
587.387.031-49
Signatário

HISTÓRICO

- 30 nov 2023** 16:45:01  **Flávyo Santos Teles** criou este documento. (E-mail: sec.poslli@ueg.br)
- 01 dez 2023** 18:18:19  **Déborah Magalhães de Barros** (E-mail: deborah.barros@ueg.br, CPF: 587.387.031-49) visualizou este documento por meio do IP 177.203.225.28 localizado em Goiânia - Goias - Brazil
- 01 dez 2023** 18:18:45  **Déborah Magalhães de Barros** (E-mail: deborah.barros@ueg.br, CPF: 587.387.031-49) assinou este documento por meio do IP 177.203.225.28 localizado em Goiânia - Goias - Brazil
- 30 nov 2023** 21:15:41  **Eleone Ferraz de Assis** (E-mail: leo.seleprot@gmail.com, CPF: 846.534.931-20) visualizou este documento por meio do IP 177.51.106.164 localizado em Goiânia - Goias - Brazil
- 30 nov 2023** 21:15:55  **Eleone Ferraz de Assis** (E-mail: leo.seleprot@gmail.com, CPF: 846.534.931-20) assinou este documento por meio do IP 177.51.106.164 localizado em Goiânia - Goias - Brazil
- 30 nov 2023** 19:00:13  **Mirian Santos de Cerqueira** (E-mail: mirian_cerqueira@ufg.br, CPF: 031.375.934-09) visualizou este documento por meio do IP 189.63.12.41 localizado em Goiânia - Goias - Brazil
- 30 nov 2023** 19:09:43  **Mirian Santos de Cerqueira** (E-mail: mirian_cerqueira@ufg.br, CPF: 031.375.934-09) assinou este documento por meio do IP 189.63.12.41 localizado em Goiânia - Goias - Brazil



Eleone Ferraz de Assis (E-mail: leo.seleprot@gmail.com, CPF: 846.534.931-20) assinou este documento por meio do IP 177.51.106.164 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil

Mirian Santos de Cerqueira (E-mail: mirian_cerqueira@ufg.br, CPF: 031.375.934-09) visualizou este documento por meio do IP 189.63.12.41 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil

Mirian Santos de Cerqueira (E-mail: mirian_cerqueira@ufg.br, CPF: 031.375.934-09) assinou este documento por meio do IP 189.63.12.41 localizado em Goiânia - Goiás - Brazil



Escaneie a imagem para verificar a autenticidade do documento

Hash SHA256 do PDF original #dad496f0d23330df5aa41be53ac662545ff1aae0a9236ba0facd7a9ee54e71c2
<https://valida.ae/3a87472667d88a863b16be5de431806064be3f5946b64d356>

MOREIRA, Fernanda Matos. **Os usos *será que*, *será se* e *serasse* em perspectiva construcional**. Versão preliminar da Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2022.

RESUMO: Este trabalho investiga as microconstruções *Será se* e *Serasse*, a partir de pressupostos teórico-metodológicos dos Modelos Baseados no Uso, de autores, como Bybee (2010, 2015), Traugott e Troudale (2013) Croft (2001) Langacker (2013) Fauconnier e Turner (2002). Hipotetiza-se que tais usos indicam um processo de mudança linguística pelo qual *Será se* estaria substituindo *Será que*, bem como conduzindo ao desenvolvimento de um valor modal pela migração do verbo *ser* - valor lexical - para um elemento discursivo, com valor modal epistêmico dubidativo, cristalizado, dentre outros elementos, pela futuridadade do verbo e pelo *chunking* ocorrido entre o verbo e o pronome *se* na construção *Serasse*. Este uso, que é um fenômeno da sincronia atual e circunscrito às situações informais de interação, tanto na fala como na escrita, na internet, parece ser resultado de uma mescla de domínios semânticos de modalidade e condicionalidade, com função discursiva de marcador intersubjetivo, ou seja, espécie de construção modalizadora. Objetiva-se, assim, descrever os usos dessas microconstruções quanto aos fatores sintáticos e semântico-discursivos, promover uma análise interpretativa do processo de mudança, bem como identificar os contextos dos usos, a fim de caracterizar o uso como uma mudança construcional, ou uma contruconstrucionalização. O *corpus* sob análise reúne dados coletados no Corpus do Português e em redes sociais.

Palavras chave: *Será que*. *Será se*. *Serasse*. Construções. Modelos baseados no uso.

ABSTRACT: This work investigates the microconstructions *Será que*, *Será se* and *Serasse*, based on theoretical-methodological assumptions of Usage-Based Models, by authors such as Bybee (2010, 2015), Traugott and Troudale (2013) Croft (2001) Langacker (2013) Fauconnier and Turner (2002). It is hypothesized that such uses indicate a process of linguistic change by which Will would be replacing Will, as well as leading to the development of a modal value through the migration of the verb to be - lexical value - to a discursive element, with dubious epistemic modal value, crystallized, among other elements, by the futurity of the verb and by the chunking that occurred between the verb and the pronoun *se* in the *Serasse* construction. This use, which is a phenomenon of current synchrony and limited to informal situations of interaction, both in speech and writing, on the internet, seems to be the result of a mixture of semantic domains of modality and conditionality, with the discursive function of an intersubjective marker, or in other words, a kind of modalizing construction. The aim is, therefore, to describe the uses of these micro-constructions in terms of syntactic and semantic-discursive factors, to promote an interpretative analysis of the change process, as well as to identify the contexts of the uses, in order to characterize the use as a constructional change, or a constructionalization. The corpus under analysis brings together data collected in the Portuguese Corpus and on social networks.

Key Words: *Será que*. *Será se*. *Serasse*. Construction. Usage-Based Models.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Arquétipo simbólico de uma construção.....	17
Figura 2 - Relações hierárquicas entre construções.....	18
Figura 03 – Esquema.....	33
Figura 04 – Construção Será que	40
Figura 05 – Rede taxonômica construcional das locuções conjuntivas.....	41
Figura 06 – Rede construcional da [Xque] _{connect}	42
Figura 07 – Esquema [será+X].....	44
Figura 08 – Esquema	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Tabela com as microconstruções com o verbo ser	34
Tabela 02 – Frequência do uso da construção Será que.....	40
Tabela 03 – Frequência do uso da construção Será se.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GC	Gramática de Construções.
LFCU	Linguística Funcional Centrada no Uso.
LCU	Linguística Centrada no Uso.
MBU	Modelos Baseados no Uso.
LG	Linguística Cognitiva.
CDP	Corpus do Português.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
1.1 Concepção e princípios dos modelos baseados no uso.....	17
1.2 A proposta construcionista.....	19
1.3 Os tipos de mudança: mudança construcional e construcionalização.....	22
CAPÍTULO 2- Verbo ser e partícula s: o estado da arte.....	30
2.1 O verbo ser	30
2.2 A partícula se e sua multifuncionalidade.....	33
CAPÍTULO 3 – Procedimentos metodológicos.....	36
3.1 Tipos de pesquisa.....	36
3.2 Procedimentos de coletas de dados.....	38
3.3 Procedimentos para a análise.....	43
CAPÍTULO 4 - A CONSTRUÇÃO SERÁ – X.....	44
4.1 O esquema [Será+x] – relações hierárquicas e domínios semânticos.....	45
4.2 .A micronstrução Será que.....	52
4.2.1 A construção Será que no esquema [Xque] _{CONNECT}	60
4.3 Será se	63
4.4 Os usos da construção Será-X no Twitter	65
4.4.1 Será que no Twitter	68
4.4.2 Uso do Será se no Twitter	71
4.4.3 Uso do Serasse no Twitter	75

CONSIDERAÇÕES FINAIS79

REFERÊNCIAS82

INTRODUÇÃO

A condução teórico-metodológica que orienta esta pesquisa parte do princípio de que a língua consiste em uma rede conceitual formada a partir de pareamentos de forma-significado, conhecidos como construções organizadas em rede. Essas construções são emergentes do uso, revelando o quanto a língua é um sistema maleável, regular, dinâmico e fluido, sempre a serviço da produtividade discursiva, e é por isso que os usos, como os da microconstrução *serasse*, no diálogo abaixo, são recorrentes no cotidiano da língua, especialmente em situações mais informais:

(1)

- Inf. 1 A Maryana me chamou para jantar lá.
- Inf. 1 Se a senhora não se importasse, eu iria.
- Inf. 2 Não, não me importo.
- Inf. 1 Tá bom. Posso ir no automóvel da senhora?
- Inf. 2 Sim, meu amor.
- Inf. 1 Outra coisa: *Serasse* o Nerso poderia me buscar aqui na Maíra?

(Dados não sistematizados, Coleta em Redes Sociais)

A construção *serasse*, como em (1), pode assumir, no uso, diferentes funções sintáticas e discursivas e ela tem sido cada vez mais recorrente e produtiva, na língua, em situações informais de interação e é por essa razão que esta pesquisa destina-se a realizar uma análise construcional da formação das microconstruções *Será se* e *Serasse*¹, que se tornaram visíveis no português brasileiro, especialmente nas modalidades escrita, em suporte virtual, e falada, sempre em contextos de menor formalidade e monitoramento linguístico.

O objetivo principal desta pesquisa consiste em investigar o funcionamento sintático, semântico e pragmático das microconstruções *SERÁ SE* e *SERASSE*, o qual se desdobra nos objetivos específicos: observar a formação das construções com o verbo *SER+QUE* e *SER+SE*; analisar a formação *Serasse*; descrever as situações de usos quanto aos aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmático/discursivos na construção da oração; verificar a função do *que* e do *se* nas construções em pauta; identificar as possíveis motivações da

¹ No texto utilizaremos a escrita *Serasse*, mas no uso na modalidade escrita encontramos também a forma *Serase*.

troca da conjunção *que* na construção *Será que* pela conjunção *se*; e identificar os contextos dos usos, a fim de caracterizar o uso como uma mudança construcional, ou uma contrucionalização.

Parte-se da hipótese de que as diferentes microconstruções decorrem hierarquicamente de um domínio genérico mais amplo e esquemático, representado pela construção *Será-x*, o qual, por um processo de mudança linguística, licencia o uso da forma *Serasse*, como decorrência do uso do *Será se*, que, por sua vez estaria coexistindo com a construção *Será que*.

Admite-se a possibilidade, como será explicado posteriormente, de que o *serasse* não é apenas uma nova forma que substitui *será se*. Embora o surgimento de uma seja decorrência da outra, a forma inovadora é acrescida de muitos outros valores textuais e discursivos, reunindo traços de modalidade dubidativa, condicionalidade, entre outros, que não são tão fortes e presentes em *será se*. Além desses novos valores, ocorre também a interseção do domínio de construções com o verbo *ser* com outros domínios diferentes, como, por exemplo, o domínio semântico da possibilidade. Diante dessas possibilidades, a pesquisa tem se desenvolvido em torno da busca, para responder aos seguintes questionamentos:

- i) a alta frequência do valor condicional da microconstrução *Será que* estaria na base da substituição do *que* pelo *se*, uma vez que este é prototipicamente o marcador de condição no português ?
- ii) as expressões analisadas, *Será se* e *Serasse*, sofreram realmente um processo de construcionalidade, ou seja, há uma relação sincrônica estabelecida entre essas construções, verificando se ocorreram mudanças linguísticas, na forma e no sentido dessas sequências, produzindo novas unidades simbólicas, ou as expressões acima passaram por processos de mudança construcional, isto é, quando há apenas a mudança no aspecto formal, ou no aspecto semântico da construção?

Logo, para a descrição desse fenômeno, faz-se necessário um levantamento e uma análise interpretativa do processo de construcionalização das referidas construções, a identificação dos seus contextos de uso e de mudança, bem como as relações que essas microconstruções que emergem em torno do verbo “ser” correlacionam com construções de outros domínios semânticos. Por essas considerações, torna-se necessário considerar uma visão de língua e de gramática, funcionando em rede interligada, para descrever e analisar tais microconstruções.

A pesquisa será pautada em teorias ancoradas no uso ou Modelos Baseados no Uso (MBU), desde princípios do funcionalismo clássico, até pressupostos mais verticalizados e em confluência com a Linguística Cognitiva (LG), como a teoria da Gramática de Construções (GC), representada, sobretudo, por Adele Goldberg (1995), William Croft (2001), Traugott e Trousdale (2013), dentre outros.

Entre alguns dos mais importantes princípios relativos aos pressupostos teórico-metodológicos que orientam esta pesquisa estão:

- i) a concepção de língua como um sistema adaptável complexo que emerge, regulariza-se e se transforma, com base nas necessidades comunicativas de seus usuários, envolvendo processos cognitivos e motivações sociointeracionais;
- ii) o entendimento de que a língua se constitui de uma rede de construções hierarquizadas e interconectadas por relações diversas, sendo a construção a unidade linguística básica;
- iii) o posicionamento quanto à integração entre língua(gem), discurso, cognição, cultura e interação;
- iv) a ideia da escalaridade entre léxico e gramática;
- v) a defesa de que a investigação linguística deve ancorar-se em dados de fala e/ou de escrita, provenientes do discurso natural, considerando, além dos aspectos formais, os fatores semânticos, cognitivos, discursivos e pragmáticos subjacentes (BYBEE, 2010).

No modelo construcional de Goldberg (1995; 2003; 2013), uma construção gramatical é definida como um pareamento de forma/significado. As gramáticas das línguas são, então, concebidas como compostas por pares de esquemas conceptuais e padrões gramaticais que se inter-relacionam. O significado da construção não corresponde à soma dos significados das unidades lexicais, mas o resultado conceitual inerente à construção e que dela emerge, como se observa nas construções estudadas *Será se* e *Serasse*. Tanto as construções gramaticais quanto aquelas vinculadas às unidades lexicais são combinações de forma e significado, logo, a relação entre léxico e sintaxe é mais uma abordagem metodológica do que uma realidade linguística, porque, nessa visão, a língua se organiza quanto a esses dois padrões, em um *continuum* léxico-sintático.

Dentro dessa perspectiva, as construções têm significado próprio e esquemático, independentemente dos verbos, ou dos outros itens lexicais que as compõem. Assume-se,

assim, que o significado de uma oração não consiste na combinação dos significados das partes da sentença, mas deriva-se também da construção, que, por si só, já é dotada de significado. A diferença do significado do verbo, ou de outro tipo de item constituinte se dá pela compatibilização do sentido do verbo, ou desse item com o sentido da construção.

Tendo em vista que o significado global de uma sentença resulta da associação do significado construcional e do significado lexical, a estrutura de participantes/argumentos numa predicação nominal é determinada pelo item/sintagma predicativo e pela construção. Em relação à gramaticalização de construções, compreende-se que as trajetórias de sentido e de padrões funcionais emergem de determinados modos de organização sintática, em que a combinação dos constituintes assume maior relevância. Dessa forma, constata-se que os usos são padrões construcionais ritualizados, em que o sentido emergente não corresponde ao sentido da soma dos constituintes internos da construção.

Buscando um melhor esclarecimento acerca dos processos construcionais e das motivações que levaram à mudança das construções, verificamos se as expressões analisadas, *Será se* e *Serasse*, sofreram realmente um processo de construcionalização, ou seja, se ocorreram mudanças linguísticas na forma e no sentido dessas sequências, produzindo novas unidades simbólicas, ou se elas indicam um processo de mudança construcional, isto é, quando há apenas a mudança no aspecto formal, ou no aspecto semântico da construção. Ademais, importa muito saber quais habilidades cognitivas estão envolvidas nesse processo de mudança linguística: analogia, *chunking*, categorização (BYBEE, 2010).

Dessa forma, buscamos analisar não somente o processo de mudança linguística da construção *Serasse*, no lugar da construção *Será se*, que está no lugar da construção *Será que*, como também a expansão da construção [Será+ X] e das suas redes construcionais. Traugott e Trousdale (2013) consideram que as construções se organizam por meio de uma rede, com nós e *links* de forma hierárquica, assim, sabendo disso, buscamos entender a rede das construções estudadas.

A partir de uma abordagem cognitiva da linguagem, percebemos que as estruturas linguísticas não são rígidas, mas maleáveis, sendo motivadas pelas necessidades localizadas de expressão e comunicação. Considera-se que o significado dos enunciados é construído a partir do uso, guiado pelas formas linguísticas; por uma construção mental que expressa a interligação entre conhecimento e linguagem; e validado no contexto comunicativo.

Podemos observar a gramática como simbólica, porque consiste em forma, significado e convenções compartilhadas de uma comunidade. “Ela é um mecanismo

constitutivo do fazer da linguagem, e nela, exatamente, repousa do cálculo da produção do sentido do que é enunciado.” (NEVES, 2014, p. 71). A gramática é emergente do uso do discurso e, assim, como a língua, é uma regularidade dinâmica e fluida, pois o sentido não está na estrutura, ele é construído a partir da estrutura.

Destarte, considerando que a língua se adapta às necessidades de seus usuários e, conseqüentemente, adquire características do contexto sociocultural, utilizamos como *corpus de pesquisa* os dados de uso das construções analisadas que foram encontrados no *corpus* do Português Brasileiro e, também, na rede social *Twitter*. A busca por dados nesse ambiente social de interação virtual justifica-se pelo fato de que, nele, é possível encontrar registros na modalidade escrita representativos do momento mais recente da sincronia atual, permitindo verificar a produtividade das construções e o aumento do uso, visto que os dados do Corpus do Português representam até o ano de 2019.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos, articulados teórica e metodologicamente, com a finalidade de descrever a pesquisa e os resultados obtidos até este momento, em torno dos usos de *Será que*, *Será se* e *Serasse*.

No primeiro capítulo, estão os pressupostos teóricos da análise, calcados nos Modelos Baseados no Uso, justificados, sobretudo, pela necessidade de uma abordagem mais ampla e contextual para o tratamento do fenômeno estudado.

Na sequência, consta um sumário resgate sobre usos do verbo *ser*, seguido de informações sobre a partícula *se*, com algumas das suas funções na língua. Esta seção se mostrou necessária porque as microconstruções analisadas emergem em torno do verbo *ser* e da prevalência recorrente, em diversos fenômenos da língua, da partícula *se* sobre tantas outras nas quais ela não era o elemento mais recorrente.

Em seguida, são descritos os processos metodológicos de levantamento de dados e procedimentos de análise, em que dividimos as seções, explicando a formação dos dois bancos utilizados para esta pesquisa, e outra, para explicar a metodologia empregada para análise dos usos coletados.

No último capítulo, consta a descrição e a análise dos dados. A primeira seção descreve a microconstrução *Será que*, supostamente considerada como uma espécie de domínio fonte de onde partem as mudanças e inovações, em direção aos usos mais especializados, os quais se afastam do significado mais lexical do verbo *ser*, com sua base conceitual de um verbo existencial por excelência. Entender como essa micronstrução passou por estágios favoráveis e, então, motivadores de mudança, foi fundamental para explicar como, a partir dela, outros valores e funções se desenvolveram. Na sequência, constam as descrições da microconstrução

Será se e as análises que nos permitem afirmar que ocorreu um fenômeno semelhante ao observado na construção "Será que" com a construção "Será se". Isso porque a construção **Será se** também apresenta um valor conectivo no contexto linguístico. Observa-se que o conectivo "Será se" tem origem na fusão de duas construções distintas: o verbo "ser" flexionado no futuro do presente, presente na oração principal, e a conjunção condicional "se", presente na oração subordinada. Por vários processos de mudança linguística, **Será se** evoluiu para se tornar um **chunk**, ou seja, uma unidade linguística coesa e única.

Ainda no capítulo 4 consta a análise dos dados coletados na rede social *Twitter*. A escolha de analisar o *corpus* dessa rede social para esta pesquisa é uma abordagem estratégica, especialmente, quando consideramos a emergência de construções linguísticas novas e não convencionais, como **Serasse**, que podem não ser adequadamente representadas em *corpora* mais tradicionais, como o Corpus do Português. A análise de construções provenientes de comentários nas redes sociais é de grande relevância, uma vez que esse ambiente é amplamente utilizado pelos falantes da língua portuguesa, atualmente.

Essa abordagem contribui para diversos aspectos do estudo da língua. Primeiramente, ela permite uma descrição mais precisa da sua evolução, capturando as mudanças linguísticas, em tempo real, muitas das quais surgem e se disseminam rapidamente nas redes sociais. Além disso, a pesquisa auxilia no entendimento das variações linguísticas e do uso coloquial da língua, enriquecendo a compreensão da diversidade linguística, em situações informais.

O ambiente das redes sociais, em particular, é amplamente utilizado pelos jovens, e os usos linguísticos encontrados nesses espaços frequentemente desafiam a norma-padrão. A pesquisa, ao abordar esses fenômenos emergentes, oferece uma ponte importante entre a linguagem cotidiana e o ensino da língua. Os professores de língua portuguesa podem se beneficiar de pesquisas descritivas que abordam esses tópicos, uma vez que são desafios constantes nas salas de aula, onde se busca equilibrar o ensino da norma-padrão com a compreensão das variações linguísticas e do uso autêntico da língua.

Portanto, a análise do *corpus* do *Twitter*, com foco em construções, como **Serasse**, não apenas contribui para a pesquisa linguística, mas também tem implicações valiosas para o ensino da língua e o entendimento das mudanças linguísticas na sociedade contemporânea. Isso ressalta a importância de manter a linguística atualizada e relevante, especialmente quando se trata de estudar a língua em evolução.

CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Concepção e princípios dos modelos baseados no uso

A língua e suas tantas facetas são uma condição definidora da espécie humana e carece de domínio sobre como ela se constrói, para caracterizar essa espécie como humana – por isso mesmo, sendo diferente em determinadas localidades do mundo – tem inquietado o homem desde há muito tempo. Esse é o motivo da realização de tantos estudos sobre a língua, sua estrutura e seu sentido, como aqueles já propostos desde a antiguidade greco-latina até os dias atuais, resguardando-se, é óbvio, as infinitas diferenças e até divergências, pois não nos permite falar que um determinado uso é errado, feio ou algo do gênero, já que todas as formas linguísticas são eficientes em seus contextos de comunicação.

Uma das grandes confluências entre grande parte das teorias atuais sobre os fenômenos da língua, no que diz respeito aos elementos de mudanças e diferenças, é a consideração do uso feito da língua em situações reais, pois é comum algumas correntes teóricas priorizarem alguns pontos mais que outros; algumas focam principalmente na variação linguística, outros na fonologia, outros na morfologia, ou em outras áreas, destacando-se em nosso trabalho as que observam o fator uso, isto é, teorias que analisam e priorizam o uso linguístico, porque os dados são reais e comprovados empiricamente, e entendemos que a língua é uma estrutura mutante e maleável, sujeita a pressões de ordem pragmática, cognitiva e discursiva

No Brasil, desde a proposição de Martellota (2011), observa-se uma relação muito produtiva entre as teorias do funcionalismo clássico – vertente norte-americana – e as teorias da linguística cognitiva². Atualmente, inúmeros pesquisadores brasileiros filiam-se a essas correntes porque elas permitem uma visão e uma abordagem de fenômenos linguísticos, a partir de elementos sociais e cognitivos, para o entendimento das regularidades da estrutura da língua, como argumenta Furtado da Cunha (2022). Nesse alinhamento, pesquisadores brasileiros,

² Segundo Lopes (2020, p. 201) é uma abordagem teórica que busca estabelecer as relações do conhecimento linguístico e da experiência humana com o mundo biofísico social. Sustenta que a cognição humana é estruturada em termos experienciais e isso tem impactos diretos na constituição da língua. Sob esse ponto de vista, as estruturas da linguagem são estudadas “como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual” (Silva, 1997, p. 59).

como os vinculados ao Grupo Discurso & Gramática, entre outros pesquisadores, vêm consolidando a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que se refere a uma perspectiva teórica que une a tradição funcionalista norte-americana, nos moldes de pesquisadores como Talmy Givón, Paul Hopper, Joan Bybee, com a Linguística Cognitiva, em particular, a Gramática de Construções, representada, principalmente, por Adele Goldberg, Elizabeth Closs-Traugott, Graeme Trousdale, Mirjam Fried, William Croft, entre outros.

No bojo das teorias centradas no uso, a Gramática de Construções constitui a base teórica para as análises do nosso objeto de estudo, as construções *Será se* e *Serasse*. Essa corrente se mostra como um modelo teórico forte e completo para a análise linguística, já que a teoria supracitada permite considerar as estruturas das expressões linguísticas como configurações de funções, sendo cada função vista de modo diferente na significação do enunciado. Ou seja, observa-se na gramática uma rede de relações nas estruturas que se assentam fortemente nos significados, mas que se definem em torno da organização pragmático-discursiva. Então, é por isso que a língua se organiza com um amplo sistema de construções, uma rede hierárquica de construções, que, a priori, denominamos *macroconstrução*, *mesoconstrução* e *microconstrução*. Porém em uma proposta mais atual, Traugott e Trousdale (2013) propõem *esquema*, *subesquema* e *microconstrução*.

Na LFCU existe a premissa básica de que a língua emerge a partir de seu próprio uso, por isso, ela pode ser vista como um complexo sistema adaptativo. Bybee (2010, p. 2) afirma que isso ocorre porque a estrutura da língua é vista como algo emergente, a partir de uma série de processos cognitivos fundamentais, e não algo desenvolvido, a priori, ou já estabelecido. A autora ainda diz que a língua poderia ser comparada a dunas de areia, pois, como as dunas, aparentemente apresenta regularidades no formato e na estrutura, mas, em suas instâncias individuais, apresenta consideráveis variações, o que permitiria que a língua(gem) mostrasse variação e gradação em seus diferentes contextos de uso. (BYBEE, 2010, p. 12)

Além disso, entendemos que a regularidade e a instabilidade linguística são motivadas e modeladas pelas práticas discursivas dos usuários em seu dia a dia, pois, quando a língua muda, observamos que os falantes não são passivos à mudança, mas participantes ativos do sistema linguístico, por meio da linguagem falada ou escrita.

Nesse contexto, alguns fatores são relevantes para tal corrente linguística, como os efeitos da frequência de uso, a modelagem das estruturas linguísticas no contexto discursivo e as inferências pragmáticas que aparecem durante as interações com a língua, envolvendo processos cognitivos e motivações sociointeracionais, como observamos nas construções

analisadas. Se alguma coisa muda, ou não, é uma função da maneira como ocorre o uso da língua, ou do modo como os falantes avaliam algumas construções.

Uma outra questão a ser observada é a metáfora de uma “rede”, em que Goldeberg (2003) sugere que “[...] a totalidade da língua é apreendida por uma rede de construções”, redes que são hierarquizadas e interconectadas por relações diversas, sendo a construção a unidade linguística básica.

Nessa perspectiva, os fenômenos linguísticos são motivados por usos concretos da língua, ou seja, podemos dizer que essa corrente se propõe a analisar, simultaneamente, o discurso e a gramática, a partir de dados empíricos. O discurso, nesse sentido, molda a gramática. Givón (1979) define o discurso como a maneira particular pela qual os usuários se expressam verbalmente; e a gramática, como o conjunto das regularidades linguísticas, como o modo convencional do uso.

Então, pode-se afirmar que, no discurso, encontramos a espontaneidade e uma total autonomia da expressão verbal do usuário da língua, e, na gramática, a regularização e a sistematização dos usos.

Nessa linha, podemos entender a fala de Beaugrande (1993), quando afirma que o discurso é visto como uma rede total de eventos comunicativos relevantes e, acrescenta Givón (1991), que a gramática sofre as determinações do discurso. Já que podemos observar que os padrões encontrados nas gramáticas também encontram correlatos no discurso, não podemos dizer que o discurso e a gramática sejam a mesma coisa, eles possuem diferenças, mas coexistem e interagem, interinfluenciando-se profundamente em todos os níveis. Sendo assim, pode-se perceber que no estudo da gramática e do discurso, em conjunto, poderemos entender como a língua é o que é.

Como Bybee (2010) afirma, a gramática não é um sistema estático, fechado ou contido em si, ela é suscetível à mudança e altamente testada pelo uso. A gramática é emergente do uso e do discurso e, assim como a língua, é uma regularidade dinâmica e fluida.

1. 2 Processos cognitivos de domínio geral

A linguagem é um meio de interagir e construir o mundo, de sistematizar conhecimentos que refletem as experiências e as culturas, por isso, é importante observar a estrutura da língua, não só com base em seu processamento linguístico, como também, e primordialmente, nas experiências de mundo dos falantes, pois, quando adotamos a abordagem baseada no uso, assumimos que a estrutura linguística não é inata e que deriva de processos

cognitivos gerais, processos que observamos nas ações dos falantes e ouvintes, incluindo produções e percepções *on-line*, como é o caso das construções estudadas no nosso trabalho, dados que coletamos do mundo digital.

Bybee (2016, p. 25) aborda uma questão interessante relativa à língua(gem): “[...] os processos que geram as estruturas linguísticas são específicos à linguagem ou também se aplicam a outros domínios cognitivos?”. Essa questão é levantada por diversas razões.

A princípio, Bybee (2016) deixa claro que a intenção é estudar a língua a partir dos processos cognitivos. Assim, a autora situa o estudo da linguagem a partir de domínios cognitivos. Apesar da aparente regularidade apresentada pelo sistema linguístico, a autora chama a atenção para a existência de variação e gradiência no uso da língua. Isso fica ainda mais claro, quando se comparam línguas diferentes; elas apresentam similaridades e, ao mesmo tempo, grandes diferenças, o que se dá por conta dos princípios que regem os usos, sendo que, para uma mesma função, as línguas variam de formas diferentes.

Tendo isso em vista, a proposta a ser explorada é a de que *processos cognitivos de domínio geral* são aplicados durante o uso da língua, pelo fato de que elas não possuem categorias discretas, permitindo que os falantes façam adaptações no sistema durante o uso para atender as suas necessidades comunicativas. Isso, segundo a autora, pode ser percebido a partir dos *clines* de mudanças, uma vez que ela afirma que a mudança ocorre no uso da língua, e não no seu processo de aquisição.

A partir disso, a autora enumera processos que estão diretamente envolvidos na linguagem: “[...] categorização, *chunking*, memória rica, analogia e associação transmodal” (BYBEE, 2016, p. 26). Essa escolha se deve ao fato de que esses processos, que ocorrem de forma geral, não sendo necessariamente dependentes da língua, estão diretamente relacionados à compreensão da linguagem.

A primeira refere-se ao processo de similaridade, ou de correspondência na identificação, que ocorre quando palavras, sintagmas e outros elementos linguísticos são reconhecidos e combinados em representações armazenadas na memória.

O processo de categorização é dinâmico, já que observamos que as categorias estão sujeitas à influência das diferentes culturas humanas e do uso linguístico. Sabe-se, então, que as construções apresentam a relação entre itens do léxico específicos e estruturas gramaticais. As categorias apresentam itens que são mais centrais e outros marginais, tendo os últimos alguma relação de similaridade estabelecida com os primeiros, ou seja, as categorias apresentam gradiência. Como no exemplo da categoria árvore, temos como mais centrais as palmeiras, os pés de sete copas e os pinheiros e entre as mais marginais os pés de pimenta, rosa

do deserto entre outras. Bybee (2010) afirma que a categorização está intimamente relacionada à frequência de uso (*tokens*) porque cada ocorrência de uma construção reforça-a na memória de longo prazo. Sabendo disso, entendemos que temos elementos mais prototípicos, quando são mais usados em determinadas categorias, e elementos menos prototípicos, ou seja, a categorização é de domínio geral, considerando que as categorias são criadas a partir de experiências, independentemente da língua.

O segundo domínio relaciona-se ao processo pelo qual sequências de unidades são utilizadas em conjunto para formar unidades mais complexas. Assim, as sequências repetidas das palavras (ou dos morfemas) são associadas conjuntamente na cognição e transformam-se apenas em uma unidade.

O *chunking* é um processo que gera unidades complexas de organização, a partir de partes singulares. Por meio desse processo, geram-se *chunks*: sequências de unidades embaladas como unidades de sentido. (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). Podemos afirmar, de acordo com Bybee (2010), que a principal experiência que aciona o *chunking* é a repetição, pois, se dois ou mais *chunks* menores ocorrem juntos, com certa frequência, um *chunk* maior estará sendo formado pelos menores, como estamos observando nas construções analisadas no nosso trabalho, em que verificamos se as construções *será que*, *será se* e *serasse* passaram por esse processo.

O terceiro, que é a memória rica, ou memória enriquecida, constitui-se nos exemplares que são arquivados em forma de representações. Os falantes estocam detalhes fonéticos, estruturas, significados e inferências associados aos enunciados. Quanto mais uma forma é usada, mais forte ela fica na representação da memória (o contrário também é verdadeiro).

A memória enriquecida se trata da armazenagem de detalhes linguísticos presenciados e ativados durante o uso linguístico. Assim, formas diferentes de se construir uma sentença, por exemplo, são percebidas e expandem o conhecimento que se tem a respeito da língua e seu uso, ou seja, a memória rica fornece subsídios sobre a capacidade de fazer inferências, é a estocagem mental de detalhes de experiências com a língua.

Percebe-se, então, que o conhecimento linguístico advém também de experiências do falante que ocorrem dentro e fora da mente, experiências socioculturais, que podem ser chamadas de *frames*. Pode-se dizer que o *frame* se refere à estrutura de conceitos relacionados que se ativam mutuamente (espaços mentais), compondo um determinado contexto, que é cognitivamente acionado, a partir da palavra, ou expressão às quais o *frame* se refere. Isso significa que as palavras fazem sentido porque evocam o conhecimento (semântico e estrutural)

de mundo, que é organizado. Tais conhecimentos são estocados na memória, parcialmente estruturados, hierarquizados e relativamente permanentes, que são os domínios cognitivos.

No quarto domínio, temos a analogia, que designa o processo pelo qual novos enunciados são produzidos, baseados em enunciados prévios. Bybee (2016) afirma que a analogia é um processo cognitivo, por meio do qual todos nós estamos sempre criando, ou formulando algo, a partir de um modelo já existente. Esse processo também atua no uso linguístico. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), ela é um tipo de reanálise, uma vez que, para que ocorra, é preciso reinterpretação formal, partindo de um modelo já disponível, ou seja, temos a reanálise como um processo mais geral, em que encontramos a analogia.

No quinto e último, observa-se a associação transmodal que se relaciona à habilidade de conexão que os usuários executam entre forma e significado (BYBEE, 2010). Além disso, sabemos que a frequência de uso também é fundamental, tanto para explicar a estrutura linguística sincrônica, como a variação e a mudança linguística. Como afirma Bybee (2016, p. 27), “Inferências feitas pelo contexto de enunciados particulares também podem vir a ser associadas com sequências particulares, dando surgimento a mudanças no significado.”

Diante disso, entendemos que construções são: “[...] pareamento de forma e significado, que frequentemente têm posições esquemáticas que variam com relação à quantidade de itens lexicais” (BYBEE, 2016, p. 128). Melhor dizendo, a noção de construção é estendida à compreensão de toda a gramática, não se limitando a expressões idiomáticas ou pré-fabricadas (*prefabs*). Isso permite que se tenha como premissa o fato de que o *chunking* permite ao falante, por meio da repetição, categorizar termos que apresentem semelhanças. Assim sendo, entende-se que os falantes sabem mais a respeito de sua língua do que apenas algumas regras gerais.

1.3 A proposta construcionista

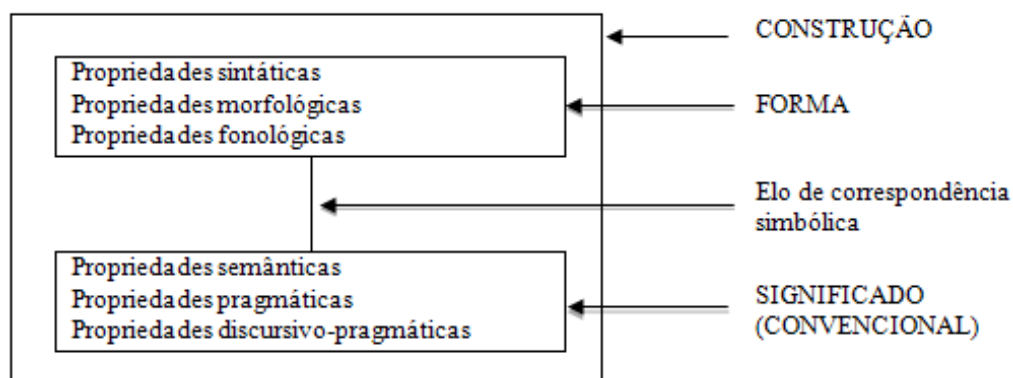
Os modelos baseados no uso, especialmente a Gramática de Construções, consideram a existência de uma estreita relação entre as estruturas das línguas e o uso que os falantes fazem dela em contextos de comunicação. Tal relação e sua simbologia somente podem ser compreendidas e apreendidas para explicar, por exemplo, as mudanças na língua, se houver um olhar amplo – holístico, como defende a teoria – para todo o sistema linguístico, com todos os elementos e níveis nele envolvidos. Diante dos princípios apresentados, a autora propõe que um estudo mais assertivo da gramática deve ser centrado no uso. Por isso, deve-se considerar que a gramática emergirá de construções que serão ativadas em contextos de comunicação real – “[...] como um sistema adaptativo complexo” (BYBEE, 2016, p. 30). Sendo assim, para que

se possa estudar a gramática, a partir dessa perspectiva, tanto *corpora* de língua falada quanto de língua escrita são fontes de evidências.

A língua, então, é um grande inventário, a reunião de construções, e ela vai se equilibrando, emergindo porque, como bem disse Neves (2018), a gramática é o lugar em que repousa o cálculo de produção de sentido da língua. Goldberg (2013) defende que as construções poderiam ser definidas como pareamentos convencionalizados de forma e função, em níveis variados de complexidade e abstração. Defende, ainda, desde 1995, que as construções vão a partir das unidades monomorfêmicas até as unidades mais complexas da língua.

Estamos, então, diante de uma explicação para o sistema linguístico que agrega elementos do sistema, do sentido e do uso da cognição os quais, genericamente, podem ser abrigados nos pressupostos de Goldberg, (1995, 2006); Croft, (2001) e Traugott; Trousdale, (2013) na proposição de que uma construção diz respeito ao pareamento entre a forma e o significado, isto é, fonologia, morfologia e sintaxe de um lado e, de outro, semântica, pragmática e discurso, ligados por um elo simbólico que é sustentado pelo histórico-sócio-cultural e pela cognição. A representação de Croft (2001, p. 18), que revela o que é uma construção:

Figura 01 - Arquétipo simbólico de uma construção

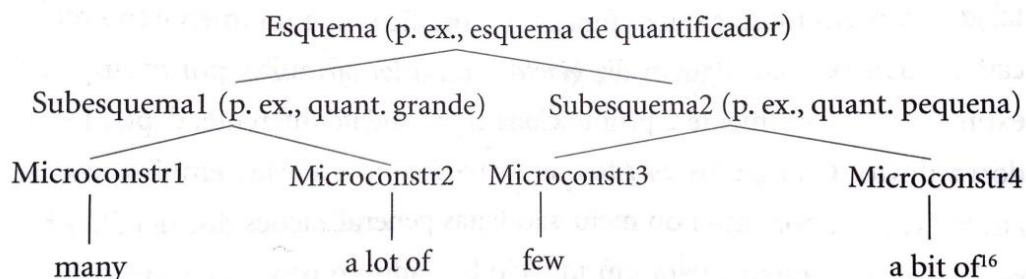


Fonte: Croft (2001, p. 18).

Uma infinidade de construções com a representação acima integra o sistema linguístico, e, por isso, a língua se organiza como rede, como um sistema, todo interconectado de construções e todas elas são possibilidades esquemáticas para a instanciação de usos. O falante de uma língua natural tem armazenado em sua mente todo esse inventário, bem como domina as possíveis flexibilidades admitidas por ele, sem nunca fazer com que a comunicação perca a

lógica, a coerência e a linearidade aparente. Abaixo, a figura 2 representa a organização da rede hierárquica da língua, a partir do exemplo dos quantificadores.

Figura 2 - Relações hierárquicas entre construções



Fonte: Traugott e Trousdale (2021, p. 50).

Na Figura 02, temos uma representação das relações hierárquicas das construções na língua. No nível mais alto da hierarquia, está o esquema dos quantificadores, que acolhe e relaciona todos os seus tipos. O esquema, devido a sua posição mais alta na hierarquia, é o mais abstrato e genérico e, por isso, mesmo comporta outras relações incluídas no seu âmbito. O nível abaixo, no esquema, nível mediano, o subesquema continua apresentando traços abstratos e genéricos, mas com especificidades necessárias para ser dividido em dois subesquemas, o de grande quantidade e outro de pequena quantidade. Por fim, no nível mais baixo da hierarquia, as microconstruções, que agrupam os diferentes constructos, de acordo com seus usos específicos. Porque estão no nível mais baixo, as microconstruções (*types*) são menos esquemáticas, por isso, mais propensas a mudanças, decorrentes do uso da língua.

O sistema linguístico existe como emergência do uso e este, por sua vez, vai mudando o sistema e sendo mudado por ele. Quanto mais há o uso, mais claro fica o sistema e mais isso leva, por exemplo, à economia linguística, à redução da erosão fonológica, que são movimentos de mudança que permitiram a emergência do *serasse*.

Sabe-se, então, que as construções apresentam a relação entre itens do léxico específicos e estruturas gramaticais. As categorias apresentam itens que são mais centrais e outros, marginais, tendo os últimos alguma relação de similaridade estabelecida com os primeiros, ou seja, as categorias apresentam gradiência. E, para ir ao encontro, de maneira mais específica, da construção *será-x*, pode ser bem produtivo revisitar um pouco mais de Goldeberg (2013, p. 2), que diz que as “[...] construções são definidas como pareamentos convencionalizados de forma e função, em variados níveis de complexidade e de abstração”. Isso significa que a construção é a estrutura básica e central da gramática (Goldberg, 1995,

2006; Croft, 2001; Rosário; Oliveira, 2016), de modo que todo o conhecimento linguístico do indivíduo pode ser representado por diferentes construções interconectadas entre si. Essas construções, por sua vez, são ligadas por links e são associadas de modo dinâmico, sem total estabilidade nos usos. Ao contrário, o uso está sempre impactando as línguas humanas.

Como podemos ver em Diesel (2022)³, se a estrutura linguística consiste em signos (isto é, construções), é uma hipótese que a organização cognitiva da gramática seja semelhante ao do léxico mental, que é comumente caracterizado como uma rede de sinais, ou símbolos relacionados. Dessa forma, podemos assumir que o conhecimento de um usuário de linguagem sobre signos linguísticos inclui conexões associativas com outros signos linguísticos, de modo que todo signo linguístico – lexema ou construção – pode ser visto como um *nó* de uma rede simbólica. No entanto, enquanto *nós* são comumente definidos como entidades básicas de modelos de rede, Diesel também sugere que os *nós* da rede gramatical possam ser analisados como redes. Especialmente, o conhecimento de um falante sobre signos linguísticos, pois seu conhecimento de construções envolve três tipos básicos de links, ou relações, que definem associações entre diferentes aspectos dos signos linguísticos:

- relações simbólicas que conectam forma e significado,
- relações sequenciais conectando elementos linguísticos em sequências, e
- relações taxonômicas que conectam padrões linguísticos em diferentes níveis de abstração. (DIESEL, 2022, p.12)

Na perspectiva de Traugott e Trousdale (2013) ampliamos bastante a concepção original de construção, tal como foi definida em sua gênese. Assim, podemos dizer que morfemas, palavras, sintagmas, expressões formulaicas, sentenças, períodos compostos e até instâncias mais complexas da língua podem ser considerados construções.

Em uma construção há posições que são abertas, e serão ocupadas por uma categoria que preencha os pré-requisitos para tal. Dessa forma, as posições podem apresentar maior, ou menor grau de produtividade. Em outras palavras, a categoria que pode ocupar uma determinada posição apresentará maior número de itens. Vale recordar que a proposta mais genuína para a compreensão de uma construção ocorreu para a descrição de construções, como os idiomatismos, nas expressões cristalizadas, em que não havia espaços a serem preenchidos, porém, logo se entendeu que a construção era bem mais que isso porque ela ocorre em toda língua.

³ Tradução nossa.

À medida que o exemplar de uma construção atinge alta frequência de ocorrências, ele é processado sem ativação de outros exemplares da construção e começa a perder analisabilidade e composicionalidade. Assim, construções representadas por membros de alta frequência, ou expressões formulaicas tendem a não ser produtivas. Quanto mais frequente uma sequência é processada diretamente como unidade, tanto menos provável que ela ative outras unidades, ou a construção à qual ela pertence, e tanto mais provável que ela perca sua analisabilidade.

Novas construções se desenvolvem de construções existentes, que são transferidas para as novas, ao longo do tempo. Como podemos dizer, hipoteticamente, que seja o caso do nosso objeto de estudo, que é a microconstrução *serasse*.

A frequência de uso é um dos fatores que determinam a convencionalização das construções linguísticas e contribuem para a ocorrência da construcionalização de padrões linguísticos que passam a compor esquemas mentais acessíveis aos falantes.

1.4 Os tipos de mudança: mudança construcional e construcionalização

A mudança é um processo inerente à língua, devido a sua natureza viva e, por isso, dinâmica. Martelotta (2011) diz que a espécie humana muda e com ela também as necessidades da língua. Fato é que a língua está em constante processo de mudança.

Em uma visão construcional da língua, Traugott e Trousdale (2013) propõem que as mudanças podem se caracterizar de duas maneiras: **mudança construcional**, que diz respeito a alterações, em apenas um dos planos da construção (forma ou significado), e **construcionalização**, que se refere a alterações, no plano da forma e no plano do significado, simultaneamente. No primeiro, haveria mudança em apenas um dos polos da construção, ou na forma, ou no significado. Por sua vez, na construcionalização, a mudança nos dois polos resulta na criação de novos *nós*, ou construções inaugurais. Portanto, na concepção dos proponentes dessa teoria, a construcionalização pode ser vista como um processo, mas também como um resultado de processos de mudança. Caso se confirme com esta pesquisa que *serasse* é um novo *nó* na rede de modais, por exemplo, ele será uma mudança resultante de uma construcionalização.

Assim, as construções, após pequenos passos de mudança, o que pode incluir processos cognitivos diversos, como *chunking*, por exemplo, são realocadas em um novo esquema, constituindo, dessa forma, um novo *nó* na língua, o que também se dá por meio da neanálise.

O fenômeno da construcionalização está associado ao aumento de esquematicidade e produtividade e diminuição da composicionalidade, que são processos característicos inerentes e internos às construções.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), uma construção possui três propriedades, três acontecimentos relativos a elas e que as caracterizam, a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Tais propriedades são gradientes, portanto, devem ser analisadas em um *continuum*, de maneira escalar, gradativa.

A esquematicidade diz respeito ao nível de abstração das construções, de forma que, para o entendimento dessa propriedade, precisamos admitir que uma construção é uma generalização, um esquema abstrato e amplo, quanto mais amplo e genérico, mais esquemático.

Pareamentos simbólicos podem ser mais abstratos, ou mais específicos (além de pontos intermediários), mas estão correlacionados com outros pareamentos na rede. A organização esquemática das construções tem sido representada, por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquemas >subesquemas >microconstruções (figura 2). Os constructos, por sua vez, são os *tokens*, ou dados empiricamente comprovados no uso (cf. TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

Quanto mais alto o nível, mais esquemático, mais genérico, porque permite um número maior de realizações concretas no uso, os *tokens*. É o que se observa na figura 2 acima que representa uma rede hierárquica de relações.

A produtividade diz respeito à capacidade de uma construção de produzir mais coisas na língua, ou seja, quanto uma construção é capaz de gerar diversos usos e também expandir para outras construções. Por exemplo, a construção desinencial AR, é mais produtiva que as outras do português, isso porque o número de verbos na primeira conjugação é muito maior, mas também porque ela tem maior força na formação de novos verbos. A construção IR não foi de maneira nenhuma requerida para formar um verbo como “googuir”, ao contrário, temos *googar, stalquear, deletar, shipar, bulgar, trolar*, e tantos outros novos usos verbais formados com a construção AR, fazendo com que ela seja mais produtiva que as demais.

Para Traugott e Trousdale (2013), a produtividade diz respeito à extensibilidade de uma construção, o que significa compreender a probabilidade de um esquema construcional ser acessível e sancionar subesquemas e microconstruções também dentro de um contexto específico de uso. Os autores afirmam que “[...] quando novas construções são formadas, elas normalmente se espalham aumentando gradualmente sua frequência de uso ao longo do tempo” (BYBEE; MCCLELLAND 2005, p. 387 *apud* TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 18).

A composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções, podendo ser de natureza sintática, ou semântica. Segundo Rosário e Oliveira (2016, p. 246),

[...] composicionalidade semântica diz respeito à soma dos significados das partes. Assumimos que uma construção é mais composicional em termos semânticos quando o significado das partes ainda é recuperado no significado do todo. Composicionalidade sintática, por sua vez, diz respeito ao nível de integridade morfossintática das subpartes, no sentido de que quanto mais composicional, mas essas subpartes retêm as propriedades gramaticais de sua categoria fonte.

Segundo os autores, a **mudança construcional** “[...] começa quando novas associações entre construtos e construções surgem ao longo do tempo, ou seja, quando a replicação de *tokens* leva a categorizações provisórias que não estavam disponíveis para usuários da língua antes e podem, portanto, ser chamadas de ‘novas’” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 17). Embora as mudanças construcionais possam induzir a construcionalização, nem sempre acarretam a instanciação de uma nova construção. Logo, elas indicam polissemias e colaboram para a ocorrência de construcionalização, constituindo-se em uma etapa anterior a esta.

A **construcionalização**, por sua vez, é definida como uma mudança em nível da forma e do significado, simultaneamente, ou seja, implica a elaboração de um novo signo no sistema linguístico, consistindo em uma mudança *type*, isto é, em nível de microconstruções. Nas palavras de Lôbo (2017, p. 51), “[...] trata-se da constituição de novos tipos de nós, os quais apresentam nova sintaxe ou morfologia e um novo significado codificado na rede linguística de uma população de falantes.”

A construcionalização, assim, decorre da neoanálise da forma morfossintática dos construtos. Quando novas propriedades semânticas são partilhadas entre indivíduos de uma mesma comunidade, novas microconstruções são adicionadas à rede, mediante uma nova unidade simbólica convencional. A partir desse ponto, um novo tipo surge e a construcionalização se estabelece, ‘neoanálise’. Traugott (2013) enfatiza que a neoanálise pressupõe não somente a mudança de forma da estrutura, mas também uma nova interpretação por parte do leitor/ouvinte, ou seja, a mudança reside, tanto na alteração das fronteiras sintáticas quanto no aspecto semântico.

Neoanálise, então, é o mecanismo que consiste em uma nova interpretação para uma forma já existente, o que, normalmente, ocorre, por meio da negociação de sentidos. Para Traugott e Trousdale (2013, p. 36), o termo neoanálise é preferível a reanálise.

Percebe-se, então, que o conhecimento linguístico advém também de experiências do falante que ocorrem dentro e fora da mente, experiências socioculturais que podem ser

chamadas de *frames*. Pode-se dizer que o *frame* se refere à estrutura de conceitos relacionados que se ativam mutuamente (espaços mentais), compondo um determinado contexto que é cognitivamente acionado, a partir da palavra, ou expressão à qual o *frame* se refere. (NEVES, 2018) Isso quer dizer que as palavras fazem sentido porque evocam o conhecimento (semântico e estrutural) de mundo que é organizado. Tais conhecimentos são estocados na memória, parcialmente estruturados, hierarquizados e relativamente permanentes, ou seja, são os domínios cognitivos.

Os padrões e esquemas internalizados pelo falante podem surgir na superfície linguística, constituindo um rico objeto para pesquisas voltadas à perspectiva cognitivista dos estudos da linguagem. Este é o caso das construções *Será se e Serasse* que se tornaram bastante comuns entre os falantes, como se fossem um marcador discursivo.

Por conseguinte, é necessário ter em mente que a atividade linguística não pode ser entendida como uma atividade unilateral. O falante, quando interage com outra pessoa, mobiliza muitos outros recursos, além do linguístico, para ser entendido. Desse modo, outro elemento que deve ser considerado na análise linguística é o elemento social. A interação social exige mais do que a mera mobilização de conhecimentos linguísticos para ter sucesso. O falante precisa compreender o contexto geral em que se insere (incluindo aí, também, seu interlocutor).

A teoria das construções gramaticais parte da noção de que, no uso, o falante se vale de padrões internalizados, que se definem pelo pareamento entre forma e função. Assim sendo, no uso, diante de um evento no mundo, o falante lançará mão de formas linguísticas que podem desempenhar funções que estejam associadas à forma como ele entende e significa o mundo.

A teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Jhanson (1980) dá boa base para os estudos cognitivistas, pois concebe a ideia de que a metáfora surge, de modo natural, para compreensão e significação do mundo. A ideia é a de que domínios *alvo* são alcançados, por meio da metáfora, lançando-se mão de domínios *fonte*.

Os estudos construcionistas em língua portuguesa voltados para a mudança linguística são bastante proveitosos. Em razão disso, a pesquisa diacrônica é frequente nos estudos, na perspectiva da LFCU, pois é a pesquisa histórica que fornece os dados concretos para a comprovação da mudança linguística. Contudo, Rosário e Lopes (2019, p. 84) argumentam que, assim como é possível postular uma gramaticalização sincrônica (fortemente consolidada na literatura da área), também é plausível pensar em construcionalização sincrônica porque se mecanismos cognitivos (neuromotores e perceptuais) atribuídos ao ser humano são os mesmos em todas as culturas (BYBEE, 2010), então, os mecanismos que operam na mudança diacrônica

também atuam nas diversas atividades em que os falantes se inserem, em um dado recorte sincrônico.

Os autores evidenciam que, mesmo a partir de estudos sincrônicos, seria possível observar as camadas de uma determinada língua, por meio das evidências dos mecanismos de variação e de gradiência.

Afinal, para que haja mudança na língua, o uso original de uma determinada construção não precisa necessariamente desaparecer, mas pode existir com outros novos usos, como acreditamos que esteja acontecendo com as construções *Será que*, *Será se* e *Serasse*.

Melhor dizendo, em um mesmo recorte sincrônico, convivem usos mais antigos e concretos, ao lado de usos mais recentes e abstratos. O estado atual de uma língua é sempre um mosaico de estabilidade e de conservação junto a instabilidades e inovações. Seria possível, portanto, analisar a mudança linguística numa perspectiva construcional, de um ponto de vista sincrônico. Levando em consideração o conceito de gradiência, resultado sincrônico de sucessivos micropassos de mudança, Rosário e Lopes (2019, p. 10) consubstanciam essa ideia por meio do conceito de construcionalidade, que é a

[...] relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza esquemática.

Por fim, as teorias caracterizadas pelo uso defendem que os padrões surgem a partir da repetição, do contexto e da interação verbal. O uso da língua atua na formação de padrões que refletirão “[...] processos cognitivos ativados na frequência do uso da língua.” (NEVES, 2018, p. 131).

CAPÍTULO 2 – Verbo ser e partícula se: o estado da arte

Uma visita a alguns estudos diacrônicos realizados, ao longo dos anos, pode ser importante para que possamos observar os usos e os fenômenos que influenciaram esse verbo até ele chegar à construção **será-x**, que é objeto do nosso estudo.

2.1 O verbo ser

Ao analisarmos os estudos do verbo *ser*, observamos uma grande complexidade, que resulta de sua natureza etimológica. Segundo Castilho (2012), três radicais confluíram para compor a conjugação de *ser* no português:

- *Esse*, em sua forma latino-vulgar *essere* (“ser”), de onde surgiram as formas do presente do indicativo (sou, somos, sois, são, é, és) e do imperfeito (era);
- *Sedere*, do qual surgiram as formas do presente do subjuntivo (seja), futuro do presente e do pretérito do indicativo (serei, seria), do imperativo (sê, sede), do gerúndio (sendo), do particípio (sido) e infinitivo (ser);
- *Ire*, do qual surgiram as formas do pretérito perfeito (fui, foste, foi, fomos, fostes, foram), do mais-que-perfeito (fora), do pretérito do subjuntivo (fosse) e do futuro do subjuntivo (for).

Nesse sentido, ele é diacronicamente híbrido, pois aglutina formas de étimos distintos.

O uso do verbo *ser*, como pleno, tornou-se escasso no século XIV. Apesar de encontrar uma sobrevivência como pleno nos exemplos trazidos por Castilho (2012, p. 399):

a) A- *Quem está aí?*

B- *É fulano.*

b) *Era uma vez um rei.*

Observamos que, nos dois casos, o verbo apresenta um único argumento posposto.

Seu traço semântico de *transitoriedade* passou a ser um “resíduo arcaizante”. O verbo assumiu, então, o traço semântico de *permanência*. O uso de *ser* faz uma atribuição intrínseca à coisa a que se refere, transferindo-lhe uma identidade, ou uma qualidade permanente, pela qual pode ser reconhecida, considerando sua significação arcaica de *estar sentado* (CASTILHO, 2012).

O verbo *ser* é um verbo que tem sido alvo de estudos, tanto por gramáticos quanto por linguistas, em razão de sua versatilidade. A maior defesa entre os linguistas é a de que o uso do verbo *ser* é bem maior com o seu valor gramaticalizado do que lexical, isto é, conceitual, como existencial. Travaglia (2003), Coelho (2006), Castilho (2010), Rodrigues e Cecilio (2012), segundo Silva e Sabino, também coadunam com Benveniste, visto que o uso mais produtivo do verbo é como copulativo e como auxiliar (mais gramaticalizado), como defendem, o verbo se abstratizou ao longo do tempo com a perda de conteúdo nocional e a absorção de valores gramaticais.

Ser até tentou uma perífrase de gerúndio, que não deu certo. Não ocorrendo um casamento com o gerúndio, *ser* foi à luta, e descobriu que teria mais sucesso em seu processo de auxiliarização, em companhia do particípio, como afirma Castilho (2012). Observamos que

o emprego do *ser* + *particípio* na formação da voz passiva foi um sucesso, como “ Ela **será presa** pelo delegado.”

Sabino e Vieira (2020, p. 758), que analisam a construção estativa com o verbo *ser*, afirmam que são vários os estudos indicativos da sua versatilidade, por ele exercer função lexical e gramatical, a saber:

[...] o de Carmo (2004), que analisa esse verbo no romance de um autor português; o de Ilari e Basso (2008), em seu estudo sobre a categoria do verbo; o de Pavão e Vieira (2013), que examina as distinções entre *ser* e *estar* em viés construcionista; o de Ferreira (2015), que aborda as diferenças aspectuais de tais verbos na construção relacional; o de Santos (2016), que trata igualmente desses verbos sob a ótica funcionalista, observando sua variabilidade na relação forma-função.

De acordo com Gaspar (2011, p. 116), *ser* ainda carrega um valor etimológico, em alguns casos, embora haja mais ocorrências dele como verbo funcional, e *ser* já demonstrava, em parte, essa diversidade de valores, desde o português arcaico. Sendo assim, continua a *ser* empregado, tanto como forma lexical quanto como forma gramatical, assumindo diversas funções, de acordo com a situação comunicativa. Essa visão também é compartilhada por Ilari e Basso (2008) e Santos (2016), por exemplo. No decorrer do tempo, ao expandir-se semanticamente, esse verbo foi se atribuindo de abstratização, perdendo conteúdo nocional e incorporando funções gramaticais. É, portanto, relacional/de ligação por excelência, o que também é defendido em Travaglia (2003).

Quando buscamos nas gramáticas normativas, nos estudos da morfologia, *ser* é considerado no que se refere à sua participação em estruturas perifrásticas e seu comportamento como verbo auxiliar aspectual, bem como às suas flexões; no domínio da sintaxe, é tido como verbo copulativo (de ligação, ou transpositor), que apenas conecta um termo a outro (sujeito e predicativo), sendo considerado desprovido de significação plena (ROCHA LIMA, 2010; CUNHA; CINTRA, 2013). Assim, esse verbo é tratado no limite da estrutura oracional como um constituinte gramatical(izado), sem conteúdo significativo em si mesmo (COELHO, 2006).

Entretanto, quando analisamos o que Vilela e Koch (2001) explicam, não se pode afirmar que o verbo *ser* se esvaziou plenamente de sua carga semântica, pois, como demonstram em seus estudos sobre os usos do português contemporâneo, esse verbo apresenta diferentes significados e funções discursivas – lexicais e/ou gramaticais – em diferentes contextos de uso. Afirmam, também, que os verbos *ser* e *estar*, que são copulativos, são frequentemente considerados como verbos de estado (VILELA e KOCH, 2001,p.67):

Os verbos copulativos e afins são frequentemente colocados entre os verbos de estado, que, como é evidente, têm valores diferenciados. Assim, *ser*, como indicativo de “estado” indica ‘estado natural’, *estar* e *achar-se* indicam ‘estado adquirido’, *viver*, *continuar*, ‘estado permanente’, *ficar*, *virar* (ele virou comunista), *tornar-se*, *converter-se*, ‘mudança de estado’, *parecer*, ‘dúvida de estado’, etc.

Carmo (2004) demonstra que o verbo *ser*, no domínio lexical, é utilizado com sentidos diversos, na atualidade, revelando valores semânticos e propriedades morfossintáticas de verbos plenos. No domínio gramatical, além das funções, que tradicionalmente já conhecemos, de copulativo e auxiliar, a autora menciona a de modalizador, como podemos observar em “Será?!”, quando observamos o teor dubidativo do verbo *ser*, na fala e a de conectivo em expressões fixas, como “é de referir; é de salientar”, ou as estudadas em *Será que* e *Será se*, nas quais observamos a utilização do verbo *ser* conectando ideias de dúvidas ou hipóteses no seu uso.

Tendo como base a análise semântica, Coelho e Vitral (2010) constataam que os verbos copulativos não são verbos plenos. Utilizando a proposta de Benveniste (1966), observam que há duas categorias distintas para o verbo *ser*: a cópula, marca gramatical de identidade e um verbo de exercício pleno, que coexistiram, sendo completamente diferentes, e que, em muitas línguas, fundiram-se.

A acepção mais recorrente do verbo *ser*, nos dias de hoje, é a de um uso já gramaticalizado. Os autores citam, ainda, Travaglia (2003), que propõe que o verbo *ser* é atualmente um verbo mais gramatical do que lexical. Ele defende que os verbos gramaticais apresentam status de marcador, de indicador ou de item funcional. O uso de *ser*, portanto, como verbo de ligação, seria um misto de indicador (porque indica característica ou estado) e de item funcional (porque funciona como conectivo). Como é o caso das nossas construções, em que o *Será que* e o *Será se* estão funcionando como conectivo de possibilidade, mas também observamos esse sentido quando utilizamos apenas o verbo *ser*, no futuro do presente do indicativo, como “Será?!”

2.2 A partícula *se* e sua multifuncionalidade

Existe uma multiplicidade de funções às quais o constructo *se* está associado. Dentre elas, observamos os seus diversos usos na língua, já que o clítico *se*, efetivamente, pode ser :

- uma conjunção condicional (*Se não fizeres os trabalhos de casa, não aprendes.*);

- uma conjunção causal (*Se não conseguia aprender inglês, não devia ter se matriculado.*);
 - uma conjunção integrante (*Perguntamos se a documentação estava completa.*);
 - um pronome reflexivo (*Ele viu-se ao espelho.*);
 - um índice de indeterminação do sujeito (*Diz-se que há muita corrupção.*);
 - uma partícula apassivante (*Não se constroem casas como antigamente.*);
 - uma parte integrante do verbo (*Os garotos arrependeram-se do mau comportamento.*)
- e
- uma partícula de realce ou expletiva (*Foi-se embora sem avisar a ninguém.*).

O fato de que esse elemento possa figurar em construções tão diferentes e tomar referências tão distintas nas sentenças em que aparece suscita uma série de questionamentos acerca de seu estatuto e de seu papel, principalmente quando se considera que outras línguas românicas fazem uso de uma partícula semelhante, em contextos similares

Fazendo uma análise cognitiva, a conjunção “se” é considerada um operador de encaixe (*matching operator*), ou seja, um introdutor de espaços mentais hipotéticos em que um segundo espaço está subordinado a um primeiro. Segundo Ferrari (2000, 2001), a conjunção “se” agrega linguisticamente um status especial, tendo como referência a definição de ato de fala assertivo tratado por Searle (in Ferrari, 2000).

Conforme Sweetser (1990), a conjunção *se* pode ser interpretada em três diferentes domínios semânticos:

- i) domínio de conteúdo, como um veículo portador de conteúdos, ou eventos;
- ii) domínio epistêmico, como entidade lógica, ou veiculador de proposição;
- iii) domínio conversacional, ou dos atos de fala, como um instrumento de um ato de fala.

No domínio de conteúdo, a conjunção condicional indica que a realização do evento ou do estado de coisas descrito na primeira oração é uma condição suficiente para a realização do evento, ou estado de coisas da segunda oração. Assim, no exemplo seguinte

Se Maria for, João irá.

A ida, ou não, de Maria implica também a ida, ou não, de João a algum lugar. Nesse caso, a relação entre a primeira oração e a segunda pode ser entendida como uma conexão causal. Há uma simples transmissão de um conteúdo, ou seja, informar que um fato acarreta outro fato qualquer.

Neves (2000) destaca que, na língua portuguesa, as orações condicionais são marcadas principalmente pelo “se”, mas também por outras 108 conjunções como: “caso”, “uma vez que”, “desde que”.

Analisando as construções hipotéticas condicionais, de acordo com Neves (2000), é possível separá-las em três grupos: factuais, contrafactuais e eventuais/hipotéticas, conforme as relações estabelecidas entre antecedente e conseqüente e ao grau de hipoteticidade da verdade dos enunciados inter-relacionados.

Segundo Neves (2000), as construções condicionais hipotéticas caracterizam-se por expressarem uma condição na prótase, que, se eventualmente realizada, implicará a conseqüência expressa pela apódose. Ademais, as construções envolvem a noção semântica modal de possibilidade, de modo que o falante, muitas vezes, pode ter uma atitude de dúvida em relação à possibilidade de ocorrência de determinado evento/fato, como podemos observar nos exemplos das nossas construções analisadas, *Será se* e *Serasse*. Observemos os exemplos a seguir:

1. *Será se pode ser algo relacionado com tensão o problema de essa MOBO?*⁴
2. *Serasse é verdade? Deus mi dibre.*⁵

Percebe-se nos exemplos citados, e observamos na oração “**Será se** pode ser algo relacionado com tensão o problema de essa MOBO?” uma ideia de dúvida, a ideia de possibilidade de um determinado fato. Já na oração “**Serasse** é verdade?”, verifica-se uma ideia de pergunta hipotética, incrédula, como se estivessem falando “*Será que é verdade? Deus me livre!*”

Uma coisa que precisa ser bem explorada, aqui, nesta seção, é a capacidade de espraiamento do *se*. Isso tem feito com que ele seja recrutado em diversas construções da língua, ou seja, ele é altamente produtivo e, por isso, tem se generalizado por diversas construções e pessoas verbais, inclusive, como, por exemplo, em *Nós se amamos*.

Percebemos, então, que há um predomínio do *se* no uso da língua, já que observamos que a sua presença não é apenas para substituir *que*, como apresentamos no trabalho, mas também em função da ampliação do *se* para funções exercidas por outros itens. Isso nos mostra que sua alta produtividade pode ser explicada por um link com outro movimento de mudança.

⁴ Warley Fernando - Clube do Hardware

⁵ Rede Social - Instagram

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa orientada pelos Modelos Baseados no Uso exige uma análise com base em dados reais da língua, tendo em vista que, de acordo com seus pressupostos teóricos, o sistema linguístico se conforma no uso, por ação de fatores, não apenas linguísticos, mas também cognitivos e sociocomunicativos. Diante dos pressupostos teóricos apresentados nos capítulos anteriores, acreditamos que um estudo mais assertivo da gramática deve ser centrado no uso, especialmente, porque é no uso real que a língua de fato acontece e é nele que as mudanças ocorrem na língua. Por isso, para a descrição dos usos de *Será que*, *Será se* e *Serasse* neste trabalho, estamos considerando que a gramática emerge de construções ativadas em contextos de comunicação real – “[...] como um sistema adaptativo complexo” (BYBEE, 2016, p. 30), bem como esses três usos são instanciações de construções abstratas as quais podem ser representadas por um esquema descrito como *Será – X*, no qual a primeira parte, *será*, é fixa e X representa um *slot* preenchido por diferentes itens lexicais, implicando que o esquema assumia, no uso, diferentes funções sintáticas e diferentes significados, os quais, por sua vez, cumprem diferentes relações pragmáticas.

Diante do que argumentamos, para que se possa estudar a gramática, a partir dos Modelos Baseados no Uso, recorreremos aos dados de língua em uso real e, para atender à especificidade do uso *Serasse*, que é absolutamente inovador, foi necessário conjugar uma análise com dados, tanto da língua falada quanto da língua escrita, bem como recorrer a dados de redes sociais, ambiente em que a escrita desse uso tem se manifestado de maneira mais efetiva.

3.1 Tipos de pesquisa

Nas teorias agrupadas nos chamados Modelos Baseados no Uso, como o Funcionalismo Clássico, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções, uma abordagem linguística que reconhece que a língua se organiza em construções e que elas são fundamentais para a sua organização e da sua gramática, pode-se recorrer a diferentes tipos de pesquisa, os quais têm em comum o princípio de que somente é possível analisar e descrever os fenômenos da língua, a partir do uso real que é feito por falantes contextualmente situados. Em relação às pesquisas em perspectiva construcional, alguns dos principais tipos são desenvolvidos, a partir da concepção da construção e de como elas atuam no processo linguístico. Em linhas gerais, elas podem ser agrupadas nas seguintes propostas metodológicas, com base em FURTADO DA CUNHA (2017):

- ✓ Pesquisa Descritiva de Construções: Esse tipo de pesquisa visa descrever e analisar as construções presentes em uma língua, ou em um conjunto de línguas relacionadas. Os pesquisadores identificam as construções, analisam sua estrutura, padrões gramaticais e semânticos, e documentam sua ocorrência em *corpora* linguísticos.
- ✓ Pesquisa de Variação Construcional: Nesse tipo de pesquisa, os linguistas investigam a variação existente nas construções de uma língua, observando como diferentes construções são usadas em diferentes contextos, ou por diferentes falantes. Essa pesquisa busca entender os fatores linguísticos e sociolinguísticos que influenciam a escolha e a variação de construções.
- ✓ Pesquisa de Aquisição de Construções: Esse tipo de pesquisa se concentra na forma como as crianças adquirem e desenvolvem as construções em sua língua materna. Os linguistas investigam o processo de aquisição, observando como as construções são adquiridas em diferentes estágios de desenvolvimento linguístico.
- ✓ Pesquisa de Mudança Construcional: Nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores investigam como as construções podem mudar, ao longo do tempo, em uma língua. Eles analisam dados diacrônicos para identificar mudanças nas construções, incluindo alterações na estrutura, significado e frequência de uso.
- ✓ Pesquisa de Processamento de Construções: Esse tipo de pesquisa explora como as construções são processadas e compreendidas pelos falantes. Os pesquisadores realizam experimentos e estudos de compreensão para investigar os mecanismos cognitivos envolvidos no processamento das construções.
- ✓ Pesquisa Contrastiva de Construções: Nesse tipo de pesquisa, as construções de diferentes línguas são comparadas para identificar semelhanças e diferenças em termos de estrutura e uso. Isso pode ajudar a entender como as construções são organizadas e empregadas em diferentes sistemas linguísticos.

Cada tipo de pesquisa aborda diferentes aspectos das construções linguísticas e contribui para o desenvolvimento e a compreensão da gramática da língua, especialmente sobre os fenômenos em mudança. Nesta pesquisa conjugamos princípios da mudança construcional com o processamento das construções.

3.2 Procedimentos de coleta de dados

Como já nos referimos, inicialmente, boa parte dos *corpora* analisados são do banco de dados Corpus do Português (CdP). Para esta pesquisa, trabalhamos a partir de uma subparte denominada Now (2012-2019). Essa amostra, com cerca de um bilhão de palavras, contém páginas da web recolhidas entre os anos de 2012 e 2019 de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique), permitindo a análise e a comparação das variedades dialetais do português contemporâneo. Utilizamos aqui, em nossa investigação referente ao século XXI, os materiais correspondentes ao Português Brasileiro do Corpus. Na seleção desses dados, inserimos no campo de busca do CdP/ Web Dialetos as expressões *Será que* e *Será se* observando as variedades. Do total de ocorrências encontradas na busca (42.035), selecionamos uma amostra, considerando as 400 primeiras apresentadas na interface do Corpus. Os exemplos dos usos apresentados estão na esfera dos gêneros jornalísticos, em especial em entrevistas, já que nesses gêneros pode-se observar um menor monitoramento da fala.

Para a análise feita, utilizamos o Corpus do Português, que é composto por vários textos da língua portuguesa, e do qual optamos por filtrar para analisar a frequência das construções *será que* e *será se* analisadas, atentando para a coleta apenas dos dados escritos no português brasileiro. O *corpus* utilizado foi alimentado só até o ano de 2019, por isso, não conseguimos fazer a frequência até os dias de hoje e, posteriormente, apresentaremos dados coletados do *Twitter* para conseguir comprovar e analisar melhor as construções estudadas no nosso trabalho.

No *corpus* pesquisado, nota-se, na modalidade escrita do português brasileiro, um aumento na frequência de uso de *Será que*, em diferentes situações de uso que essa microconstrução possa assumir:

Tabela 01

Época da coleta do <i>corpus</i>	Frequência do uso do <i>Será que</i>
2012 – 1	559
2012 -2	631
2013 – 1	2164
2013-2	2145

2014 – 1	2254
2014 – 2	2343
2015 – 1	2608
2015 – 2	2680
2016 – 1	2099
2016 – 2	2815
2017 – 1	4709
2017 – 2	4132
2018 – 1	3937
2018 – 2	4201
2019 – 1	4751

Fonte: Autoria própria baseada na coleta de dados do corpus do português

Observa-se que os dados são do primeiro semestre de 2012 até o primeiro semestre de 2019, e que se pode notar que a frequência do uso da construção estudada teve um aumento significativo, no decorrer do tempo, e que, no primeiro semestre da coleta, tem-se 559 ocorrências e, ao seu final, já houve um total de 4751, ou seja, um aumento de 849% de ocorrências. O *corpus* não nos fornece a informação da quantidade de textos exatos que foram utilizados em cada ano, mas nos leva a acreditar que esse uso só deve ter aumentado até os dias atuais, lembrando que o *corpus* do português não foi alimentado com novos registros depois de 2019.

Ao buscarmos, no *corpus* da pesquisa, a frequência do uso da construção *Será se*, verificamos que ela realmente está se tornando bem recorrente no uso dos falantes do português, dado que observamos um aumento de 866% no seu uso, na escrita, isso com dados de 2012 até 2019, em que na primeira amostra ocorreram 6 e, na última, ocorreram 52 usos. Um aumento relativamente expressivo que podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 03 – Frequência do uso do *Será se*

Época da coleta do corpus	Frequência do uso do <i>Será se</i>
2012 – 1	6

2012 -2	5
2013 – 1	11
2013-2	7
2014 – 1	11
2014 – 2	8
2015 – 1	16
2015 – 2	18
2016 – 1	15
2016 – 2	35
2017 – 1	40
2017 – 2	42
2018 – 1	38
2018 – 2	47
2019 – 1	52

Fonte: Autoria própria baseada na coleta de dados do Corpus do Português

Percebe-se que o uso da construção aumentou, de forma gradativa, mostrando que, com o passar do tempo, o falante foi percebendo a produtividade da construção na fala e levando-nos a acreditar que a frequência do uso da construção *Será se*, na escrita, deve ter aumentado ainda mais até os dias atuais, uma vez que não podemos analisá-lo, pois o *corpus* só foi alimentado com dados até o ano de 2019.

Considerando-se que o uso da microconstrução *Serasse* é muito atual na modalidade escrita e de uso predominante na linguagem virtual, fez-se necessária a busca de dados na modalidade escrita em ambientes que admitem usos inovadores, como é o caso das redes sociais, uma vez que ela não foi encontrada no Corpus do Português. A rede social *Twitter* foi escolhida para compor o banco de dados, já que é uma rede social muito usada pelos falantes do PB, tanto entre jovens, como entre personalidades influentes dentro do país, atualmente.

As inovações na língua podem ser pontuais, ou idiossincráticas, isto é, restritas a um falante, ou ouvinte particular, mas que, sobretudo, em função do advento tecnológico e sua capacidade de encurtar distâncias e de aproximar simultaneamente um grande número de pessoas, as mudanças pontuais, quando inseridas em um ambiente como o das redes sociais, ou outro, que tenha grande alcance, automaticamente assumem um grande alcance de pessoas.

Com isso, as inovações lançadas em ambientes virtuais, pelo seu alcance alto e a depender da produtividade do uso, podem rapidamente passar por modificações de significado, ou de forma, fazendo com que novos usos adotados por grande parte dos usuários desses ambientes se transformem em novas construções, a partir de mudanças que se convencionalizam na rede. E, assim, um uso individual que adquira alta frequência de produtividade pode implicar uma nova construção na língua.

A linguagem virtual é, em essência, bastante simplificada, do ponto de vista da organização estrutural, uma vez que nela evitam-se elaborações sintáticas complexas, como períodos completos, com todos os termos e funções de uma sintaxe regular, sendo comum a supressão de termos que podem ser recuperados textualmente no contexto discursivo, como sujeitos, objetos e/ou outros complementos; são evitados também períodos complexos, e as inversões da ordem mais prototípica do PB (SVO) só ocorrem se forem pragmaticamente muito produtivas. Ademais, se configura como uma linguagem articulada com as tecnologias de informação e comunicação, as TICs, isto é, na maioria das vezes, o texto se constitui pela associação entre a linguagem verbal e a não verbal. Por meio delas, é possível obter e fornecer informações, comunicar, interagir e, em particular, aprender. Segundo Kenski, a linguagem digital é:

[...] uma linguagem de síntese, que engloba aspectos da oralidade e da escrita em novos contextos [...] rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempo e pessoas diferentes (2007, p. 31).

A linguagem virtual impõe mudanças significativas nas formas de acesso à informação, criando, conseqüentemente, novos e dinâmicos processos de produção e difusão de conhecimentos. Surge, dessa forma, uma nova cultura, a partir de sua estrutura de codificação distinta e particular.

Diante da necessidade de cada vez mais conhecermos como a linguagem do ambiente virtual vem impactando o uso da língua, de forma geral, e também potencializando possíveis processos de mudança, a exemplo da construção *Será-X* e, pelo fato de o uso da microconstrução *Serasse* ainda ser restrito na modalidade escrita nos ambientes virtuais é que se impôs a necessidade da constituição de um banco de dados oriundos de ambiente de uso virtual, como o *Twitter*.

Para montar o *corpus* com dados do *Twitter*, utilizamos o programa R, que é uma linguagem de programação multiparadigma orientada a objetos, programação funcional, dinâmica, fracamente tipada, voltada à manipulação, análise e visualização de dados. Foi criado originalmente por Ross Ihaka e por Robert Gentleman, no departamento de Estatística da Universidade de Auckland, Nova Zelândia. Atualmente é mantido por uma comunidade de colaboradores voluntários que contribuem com código fonte da linguagem e com a expansão de funcionalidades por bibliotecas. Ele apresenta uma linguagem de programação estatística e gráfica que vem se popularizando, cada dia mais, devido a sua grande utilização em análise de dados e *machine learning*. A coleta de dados foi realizada por meio da solicitação de busca de tweets, com as palavras-chave “será que”, “será se” e “serasse”, com intervalos mensais a partir do ano de 2012, ou seja, consultas para jan/2012, para fev/2012, até para dez/2022. A ferramenta de busca permite buscas circunscritas a determinadas regiões geográficas e as nossas foram limitadas ao Brasil, pois, sem esse filtro, resultados englobam outros idiomas. Assim, as consultas foram feitas da seguinte forma no *twitter*: "since:<data_início> until:<data_fim> serase near:brasil" onde <data_início> e <data_fim> definem o intervalo, no caso mensal.

É o que podemos observar nas imagens 1, 2 e 3 a seguir, em que se apresenta a frequência de usos que ocorreram em cada mês, de janeiro de 2012 até dezembro de 2022, mostrando a porcentagem do aumento do uso de cada construção.

Frequência mensal do uso do Será que no Twitter

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	gost	Set	Out	Nov	Dez	Total		Ano	Aumento
2012	78	59	61	60	74	59	45	60	66	39	53	29	683	11,85%	2012	683
2013	52	61	60	60	27	58	55	48	52	51	64	50	638	11,06%	2013	638
2014	24	19	46	66	24	19	54	9	52	49	35	9	406	7,04%	2014	406
2015	54	36	34	21	38	58	23	31	54	56	37	27	469	8,13%	2015	469
2016	53	8	19	25	23	57	31	50	56	57	56	58	493	8,55%	2016	493
2017	62	39	8	55	48	68	65	34	62	65	20	40	566	9,82%	2017	566
2018	69	36	30	64	19	20	44	63	20	61	61	45	532	9,23%	2018	532
2019	57	24	53	59	59	35	69	16	61	24	9	59	525	9,11%	2019	525
2020	57	64	63	21	30	12	29	54	43	28	33	64	498	8,64%	2020	498
2021	22	58	23	58	25	56	15	58	27	59	8	50	459	7,96%	2021	459
2022	50	56	20	21	48	38	38	23	62	62	51	28	497	8,62%	2022	497

Frequência mensal do “Será se” no Twitter

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Agosto	Set	Out	Nov	Dez	Total		Ano	Aumento
2012	81	74	55	67	52	49	30	12	35	53	84	71	663	8,54%	2012	663
2013	76	86	35	70	50	70	84	74	54	50	11	69	729	9,39%	2013	729
2014	55	83	35	68	31	76	38	78	65	35	35	66	665	8,57%	2014	665
2015	83	52	51	72	66	27	35	68	34	25	36	82	631	8,13%	2015	631
2016	29	31	43	52	79	67	84	78	58	83	56	19	679	8,75%	2016	679
2017	32	57	34	92	15	94	56	92	52	51	70	32	677	8,72%	2017	677
2018	49	72	94	48	34	88	35	50	86	91	96	37	780	10,05%	2018	780
2019	87	99	82	35	65	16	53	95	34	14	32	68	680	8,76%	2019	680
2020	87	91	87	71	94	98	49	37	31	35	49	74	803	10,35%	2020	803
2021	43	53	25	58	90	100	71	16	69	64	38	29	656	8,45%	2021	656
2022	57	58	50	93	87	45	96	92	38	53	67	62	798	10,28%	2022	798

Frequência mensal do “Serasse” no Twitter

Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Agosto	Set	Out	Nov	Dez	Total		Ano	Aumento
2012	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0,00%	2012	0
2013	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	1	0	4	0,12%	2013	4
2014	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	4	0,12%	2014	4
2015	0	0	0	2	0	0	5	4	0	10	0	14	35	1,04%	2015	35
2016	0	0	27	20	0	26	31	37	23	28	36	33	261	7,77%	2016	261
2017	57	0	0	0	48	48	0	50	47	64	0	0	314	9,35%	2017	314
2018	65	48	0	0	52	62	0	57	0	0	65	61	410	12,20%	2018	410
2019	59	47	0	55	58	46	54	53	51	57	54	48	582	17,32%	2019	582
2020	54	50	58	63	59	57	52	57	51	0	59	53	613	18,24%	2020	613
2021	0	68	54	49	55	55	0	0	59	60	47	52	499	14,85%	2021	499
2022	57	62	0	63	45	60	62	69	58	53	53	56	638	18,99%	2022	638

3.3 Procedimentos para a análise

Esta pesquisa é de natureza básica e descritiva, pela qual buscamos descrever cada uma das micronstuições instanciadas pelo esquema *Será-x*, analisando e identificando as motivações discursivo-pragmáticas e semântico-cognitivas implicadas no uso de cada uma delas, a partir de uma análise da mudança construcional implicada no desenvolvimento e na implementação de *Seasse*. Quanto à abordagem metodológica, a pesquisa é qualitativa, porém os dados quantitativos são importantes para atestar a frequência de uso e o nível de implementação na língua. Para a CG, quanto mais frequente é uma construção, mais produtiva e implementada na língua ela pode ser considerada. Mesmo sendo uma pesquisa de natureza qualitativa, em

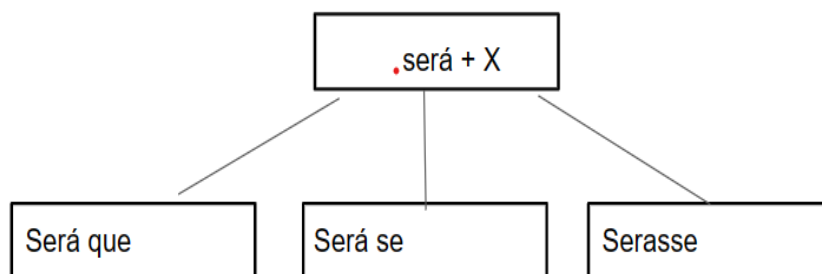
algumas situações, a quantificação se faz importante, especialmente para demonstrar o aumento, ao longo dos anos, da microconstrução *será se*, a redução do uso do *será que* com valor mais básico (verbo ser acrescido de pronome relativo que) e o aumento de *serasse*.

A análise demonstra o esquema construcional com os diferentes níveis do processo dessa construção, observando em que medida a nova construção está relacionada com o grau em que uma construção captura padrões mais gerais em uma série de construções mais especificadas.

CAPÍTULO 4 - A CONSTRUÇÃO SERÁ + X

Neste capítulo, analisamos a construção representada pelo esquema [Será+X] quanto a sua expansão no sistema linguístico e conseqüente produtividade na rede do esquema, atentando para as relações hierárquicas das microconstruções instanciadas por ele, e como cada uma delas cumpre funções específicas na língua. As análises foram realizadas a partir de *corpus* diferentes, uma vez que o uso de *Serasse* não foi encontrado no Corpus do Português, por isso, para fins metodológicos, a seção destinada à análise dessa micronstrução foi feita separada das demais, no sentido de uma análise a partir de um *corpus* diferente daquele destinado à análise de *Será que* e *Será se*.

A rede de Será+X se organiza na língua como consta na figura a seguir:



Sabe-se que as microconstruções analisadas – *Será que*, *Será se* e *Serasse* – são derivadas hierarquicamente de uma generalização, de um domínio mais amplo e esquemático representado aqui como [Será + X], logo, os usos se organizam em rede na língua e, por isso, analisaram-se não somente o processo de mudança de que a construção *Serasse* resultou, como também os contextos que favorecem o seu uso, em substituição a *Será se*, e o uso desta em lugar de *Será que*, em uma visão de língua organizada em rede, na qual os usos específicos, menos genéricos, mantêm entre si links semânticos e formais. Quanto ao uso de *Serasse*, admitimos que, em alguns contextos, ele realmente ocorre em substituição ao *será se*, com valor unicamente dubidativo, mas, em outros contextos, ele assume valores intersubjetivos e em nível textual os quais ultrapassaram o de uma construção dubidativa e que processos como a dessemantização e o *chunking* estão na base do surgimento dessa microconstrução.

Nesta análise, verificamos se as três construções apresentam três formas diferentes e três funções diferentes e qual a diferença no uso delas. Analisamos, também, a frequência dos usos das construções estudadas para comprovar se houve, ou não, um aumento do uso das construções em estudo, no decorrer do tempo e como o aumento da frequência impactou as mudanças e, especialmente, motivou o desenvolvimento de *serasse*.

Consoante isso, analisamos as orações em que estão as construções estudadas, verificando se são independentes, ou subordinadas, além de observar os tempos verbais que as acompanham, a fim de ver se o tempo verbal influencia na mudança, ou seja, se há algum tempo verbal que é prototípico para o uso de cada uma das construções estudadas.

O capítulo está organizado em quatro partes, em que, a priori, apresentamos as construções que estamos estudando em suas relações hierárquicas, no esquema [Será +x] e os domínios semânticos de dúvida e possibilidade; em seguida, apresentamos a construção *Será que* em seus contextos de uso, com a análise da construção *Será que* inserida no esquema [Xque]_{CONNECT}; posteriormente à análise dos contextos de uso da Construção *Será se* e a sua relação com as outras construções; e finalizamos com a análise do *corpus* montado pela rede social *Twitter* em que encontramos as três construções estudadas e analisamos a construção *serasse* em seus contextos de usos e os motivos que tenham levado à mudança linguística.

4.1 O esquema [Será+x] – relações hierárquicas e domínios semânticos

Nesta seção, de acordo com os pressupostos teóricos da Gramática de Construções, apresentamos como as microconstruções *será que*, *será se* e *serasse*, que são nosso objeto de estudo, estruturam-se, a partir do domínio do verbo *ser* e estabelecem *links* com outros

esquemas maiores – ou paralelos –, os quais, por sua vez, vinculam-se a outros domínios, e revelam mudanças nos usos construcionais instaurados, a partir do verbo *ser*. Dessa forma, a seção tem como objetivo descrever como as microconstruções analisadas se organizam na língua, em forma de uma rede hierarquicamente organizada e que, por sua vez, mantém vínculos com outras redes, como a rede de conectores X-que.

Bybee (2010) propõe que as construções linguísticas são organizadas em redes, nas quais as construções estão conectadas por meio de relações de similaridades e diferenças, tanto formais quanto semânticas. Essas redes se organizam por meio de relações hierárquicas de um esquema mais genérico para subesquemas mais específicos, até atingir o uso propriamente dito.

As relações hierárquicas referem-se às relações de subordinação, ou inclusão, entre elementos linguísticos, e estabelecem uma estrutura hierárquica na qual alguns elementos são considerados mais centrais, ou principais, enquanto outros são subordinados, ou dependentes, como podemos observar com o verbo *ser*, no futuro do presente do indicativo, que, conjugado com outros termos, como as conjunções *que* e *se*, resulta em diferentes construções na língua. Essas relações podem ser observadas em vários níveis linguísticos, como na fonologia, na morfologia, na sintaxe e na semântica. Observemos os dados a seguir:

(1) “Ah... Santo Antônio, pense bem, não **será lindo** ofertar flores em seu nome?” (CP, NOW, 2012)

(2) E agora, **será que** eles vão se enfrentar? (CP, NOW, 2012)

(3) Um bom indício **será se** o governo conseguir mais de dois terços”, afirmou o analista econômico de[...] (CP, NOW, 2012)

(4) Com isso, já sei que a única solução para o caso **será falar** diretamente com o juiz, pois os servidores não vão receber a petição informando os [...] (CP, NOW, 2012)

(5) Cheguei da prova e tenho que estudar pra duas provas amanhã, **serase** vou chorar [...] (Twitter, 2022)

Quando analisamos tais dados, percebemos que, nos cinco usos, pode-se encontrar a ideia de possibilidade, ou hipótese, inerente ao uso do verbo *ser* no futuro do presente do indicativo, o que significa que todos esses usos se vinculam ao domínio semântico dubitativo, ao qual pertence o subdomínio da hipótese. Em (1), é possível observar o verbo *ser* empregado para atribuir à oração o sentido de hipótese do que poderá ser lindo. O mesmo sentido de hipótese não seria possível em uma oração como “Santo Antônio, pense bem, caso ofertasse flores em seu nome, não seria lindo?”. Ou seja, em PB, a ideia de hipótese se constrói em torno

de *Será*, mas não a partir do mesmo verbo flexionado em outro tempo e modo, o que significa que os sentidos das construções são particulares, não se fazem de forma única para o mesmo verbo, por exemplo.

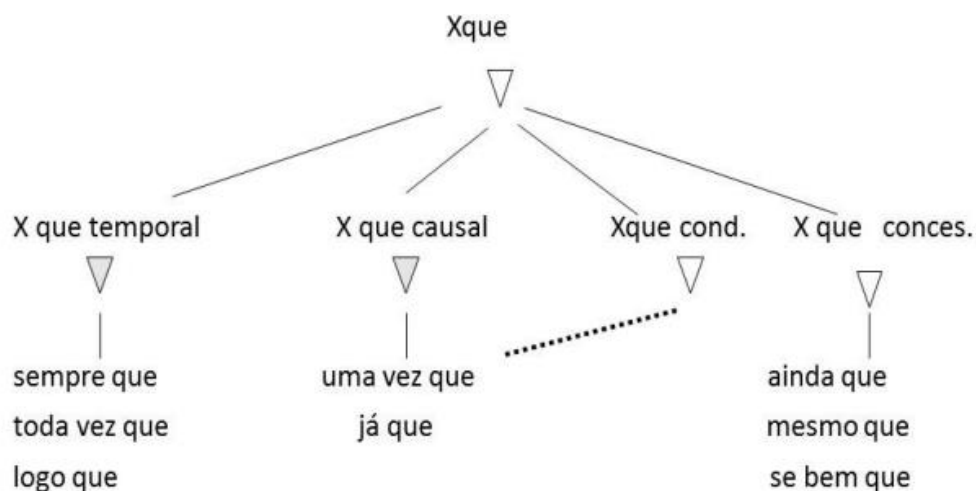
Já em (2), (3) e (5) encontramos os usos que são objeto desta pesquisa, apresentando os links entre as microconstruções e, neles, verifica-se o sentido de hipótese ainda mais cristalizado e forte, uma vez que eles já fazem parte da imagem mental que o falante da língua tem sobre como construir linguisticamente o sentido de hipótese e dúvida. Como construções implementadas na língua, elas já fazem parte do estoque mental de recursos disponíveis para esses usos. Em (4), observa-se que, mesmo quando usado em uma oração reduzida de infinitivo, o verbo *ser* também pode apresentar a ideia de hipótese, ou possibilidade, como se pudéssemos dizer “ *Com isso, já sei que a única solução para o caso será se falarem diretamente com o juiz [...]*”.

Bybee (2010) postula a existência de construções prototípicas, que são as construções mais frequentes e estáveis em uma língua. Essas construções prototípicas servem como pontos de partida para a derivação de outras construções, como podemos observar nas analisadas neste trabalho, *será que*, *será se* e *serasse*, dentre as quais a *será que* é prototípica, ao ser a origem das demais. Como carrega em si o forte sentido de dúvida, como em (2), as construções que surgem a partir dela, também herdam, em diferentes proporções, esse sentido. Cumpre registrar que cada nova construção carrega, de forma conjugada, valores que são herdados e outros assumidos pelos novos usos, motivando um processo de constante mudança na língua.

A língua, como defende Givón (1984), possui grandes domínios organizados, conforme as funções, ou sentidos que os elementos agrupados nos domínios exercem; voz, transitividade, negação, subordinação e tantos outros podem ser diferentes domínios da língua, os quais emergem no uso, por meio de construções gramaticais, e elas, por sua vez, mantêm interações entre si.

Em especial, a microconstrução *será que*, que, em algum momento – a depender das funções exercidas – se interconecta com o domínio funcional da conexão, representado pelo esquema [X-que]_{connect}, pesquisado por Cezário (2015) e Arena (2015). O domínio da conexão agrega várias construções que cumprem na língua a função de conectar orações, como podemos observar na figura a seguir:

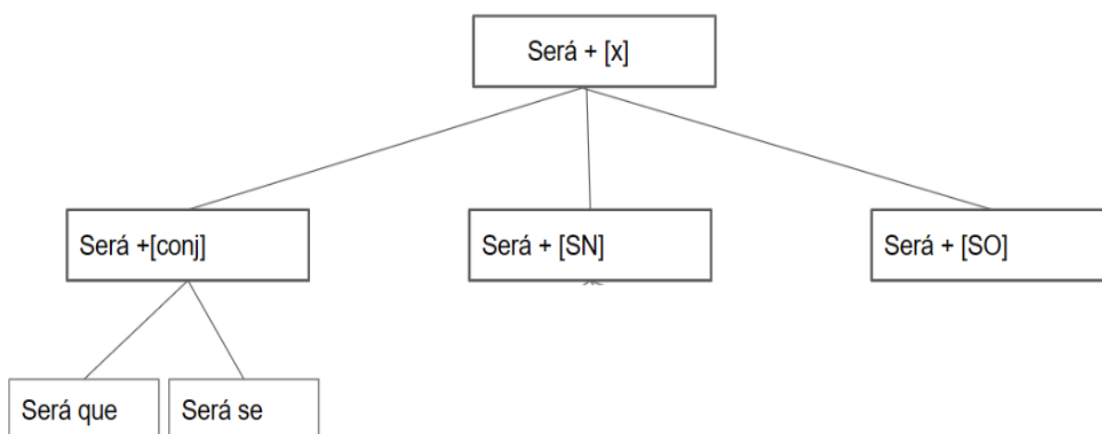
Figura 02- Esquema do [X- que]



Fonte: Cezário (2015)

Analisar as construções em seus diferentes domínios é importante porque, em uma visão construcional, os fenômenos e as mudanças não acontecem de maneira isolada, então, para se entender um fenômeno, é preciso ter noção de todas as relações mais próximas que ele estabelece no sistema linguístico, quer seja entre os subesquemas de um esquema maior, quer seja entre micronstruções de esquemas ou domínios distintos, como podemos analisar na primeira rede a seguir:

Figura 03 - Esquema [Será - X]



Fonte: Autoria própria.

Observa-se que o verbo *Ser*, no futuro do presente do indicativo, pode ter seu *slot* preenchido por três diferentes subesquemas, por conjunções, nos quais encontramos as

construções estudadas no nosso trabalho; sintagmas nominais (substantivos, pronomes e adjetivos); e sintagmas oracionais (oração subordinada substantiva predicativa). Como podemos observar nos dados abaixo:

(6) “ *Você demitiu Inaiá por ciúmes? De mim? “ . E agora, **será que** o vilão confessa?! (CP, NOW, 2012)*

(7) *Amanhã vou a o’ Factor X’. O meu vestido **será lindo**, o meu cabelo e maquiagem estarão perfeitos. (CP, NOW, 2012)*

(8) *Constância perderá o apoio incondicional que sempre teve de o marido e seu castigo **será viver sozinha** para o resto de a vida. (CP, NOW, 2012)*

Ainda, no dado em (6), o *slot* junto ao verbo está preenchido pela conjunção integrante *que*; já no dado em (7), verificamos que o *slot* é preenchido pelo sintagma nominal (o adjetivo *lindo*); e em (8), no *slot* encontramos um sintagma oracional (uma oração subordinada predicativa reduzida de infinitivo).

Conforme os pressupostos teóricos que embasam esta pesquisa, as construções são unidades linguísticas esquemáticas que integram forma e significado. Goldberg (2006) descreve construções como “[...] pares de forma e significado que são aprendidos e usados como um todo”, afirmando que elas são unidades produtivas e que seu uso e compreensão são baseados na experiência dos falantes com o uso efetivo da linguagem. Elas se organizam em redes com sistemas hierárquicos, refletindo as relações estruturais entre si. Essa organização permite a combinação e coordenação das construções para formar enunciados complexos e expressar uma variedade de significados, conforme os mais variados contextos de uso.

Nesse sentido, observamos que a língua é formada por uma grande rede de pareamentos simbólicos de forma e significado, desde os monomorfêmicos até instâncias mais complexas, como os padrões sintáticos, gêneros e sequências tipológicas. E esses pareamentos simbólicos vão se estruturando em um modelo de rede, por meio de nós e *links* (cf. GOLDBERG, 1995, 2006; HILPERT, 2014).

Esses nós podem se organizar por meio de ligações horizontais e verticais (DIESEL, 2017). Os primeiros representam construções individuais que estão conectadas em uma rede hierárquica, vez que cada construção é um nó independente que pode se conectar a outras construções, por meio de *links* de extensão, restrição, alternância ou desvio. Os segundos representam camadas, ou níveis de generalização, nas gramáticas de construções. Eles refletem a estrutura hierárquica das construções em diferentes níveis de complexidade e abstração. Os

nós verticais permitem a organização das construções em diferentes camadas, em que as construções mais específicas estão conectadas a construções mais gerais. Esses nós horizontais e verticais trabalham juntos para organizar as construções e estabelecer relações entre elas. Os nós horizontais refletem as conexões entre as construções individuais, em uma rede, enquanto os nós verticais refletem a estrutura hierárquica e a organização das construções em camadas.

Para Traugott (1995), a construção gramatical é um pareamento convencionalizado de sentido e forma, tratado como um esquema simbólico, em que se instanciam os componentes da gramática. Goldberg (2013) defende que todo o conhecimento acerca da linguagem é adquirido por uma rede de construções, ou seja, a língua é uma rede de relações entre as construções, como podemos observar no nosso objeto de estudo, apresentado na figura 03 acima, em que se observa que as construções *será que*, *será se* e *serasse* fazem parte da rede *Será + X*.

Traugott e Trousdale (2013) conduzem ao entendimento de que a representação da hierarquia construcional tem como objetivo explicitar os níveis esquemáticos de uma construção, explicando desde graus mais específicos a esquemas mais abstratos e, por isso, mais genéricos. Então, de acordo com os estudos, o nível mais alto é o esquema, com um alto grau de abstração; já o subesquema é um nível intermediário, tornando-se uma subcategoria do esquema maior; enquanto a microconstrução é o nível do pareamento específico, já o construto se refere à ocorrência da construção no uso linguístico, como podemos ver em [*Será + X*], *Será que*, *Será se* e *Serasse*.

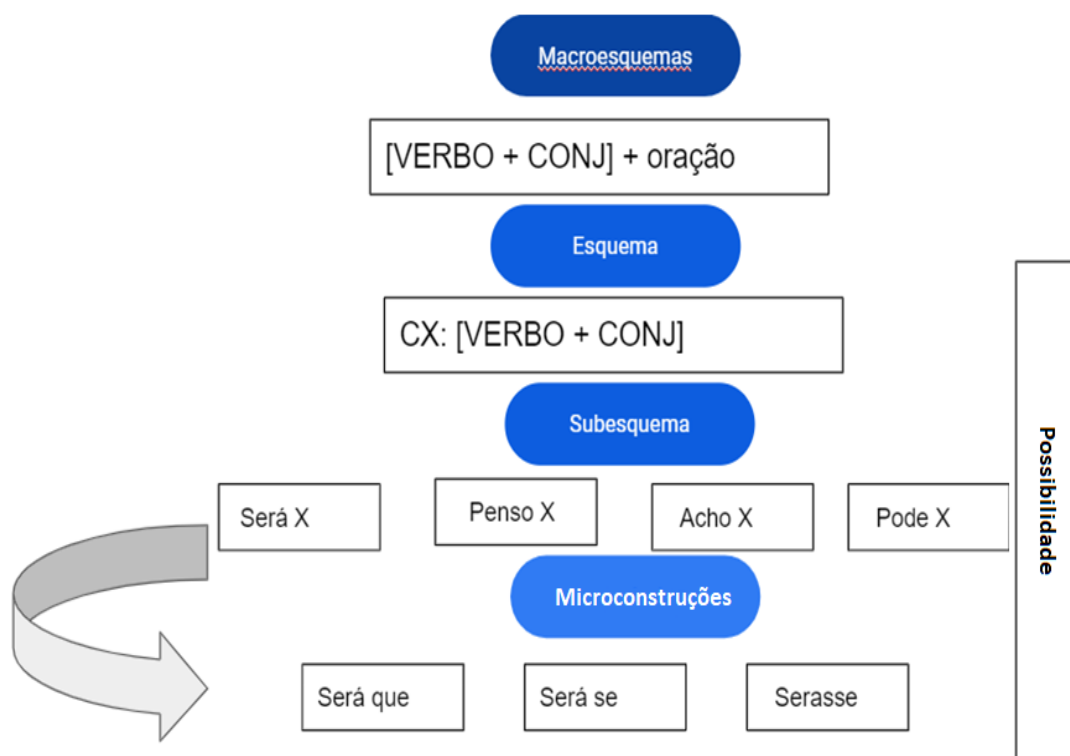
De acordo com os Modelos Baseados no Uso, não existe uma divisão rígida entre léxico e gramática, a língua é tratada como um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2010) e está interligada a processos cognitivos de domínio geral. Todo conhecimento linguístico é derivado das experiências sensório-motoras dos falantes com o mundo e esse conhecimento se consolida nas construções, como podemos observar no uso das estudadas.

Quando observamos a língua, à luz das perspectivas dos Modelos Baseados no Uso, todas as mudanças estão interconectadas em diferentes graus, diferentemente do que o Funcionalismo Clássico preconiza, a mudança não é restrita ao item em que ela é percebida de maneira mais saliente – uma gramaticalização –, ao contrário, a mudança ocorre em toda a rede na qual o fenômeno ocorre. O *Será que*, por exemplo, seria um constructo de uma construção mais abstrata em uma rede linguística, que poderia ser um modelo para o surgimento de outras construções na língua, as quais surgiram do mesmo esquema, como observamos na imagem 1.

Analisando a imagem 04, a seguir, elaborada a partir de Traugott e Trousdale (2013), em que se apresentam os diferentes níveis do processo construcional, observa-se que ela faz

uma intersecção com o domínio da possibilidade, em que podemos ver em um Macroesquema [Verbo+Conj] +oração, que tem como esquema a CX: [Verbo+Conj], que faz parte do domínio de *possibilidade*, já que nos traz a ideia de probabilidade, alternativas ou chances, levando-nos a microconstruções [Será x], [Penso x], [Acho x] e [Pode x], que seriam os verbos que poderiam ser acompanhados pelas conjunções *que* e *se*, em que encontramos os objetos de nosso estudo, os construtos *Será que*, *Será se* e *Serasse*.

Figura 04 - Esquema de possibilidade



Fonte: Autoria própria.

Observamos que as microconstruções analisadas nesta pesquisa encontram-se no domínio semântico – ou funcional, conforme Cezário (2015) – da possibilidade e das situações hipotéticas da fala e da escrita. Nesses casos, o uso do verbo *Ser*, no futuro do presente do indicativo, usado sozinho, já traz para nós uma ideia de dúvida, ou hipótese, como se fosse uma pergunta interrogativa/dubidativa, como no caso em (9):

(9) *E que tal uma remodelação? Tudo isto é só política, mas é disso que os governos são feitos. Costa teve ontem uma extraordinária vitória diplomática, pondo um ponto final*

nas teses da oposição sobre a condução da sua política económica. Mas agora vai precisar de mais. Ano novo, vida nova. Será? (CP, NOW, 2012)

É importante observar que no dado em (9) o *será* é utilizado ao final de um parágrafo, sendo uma oração absoluta, mas que contém uma carga semântica enorme de dúvida, de incerteza de que o anteriormente dito realmente poderia acontecer. Carga que observamos no uso de *serasse* e também *será*, quando usado com as conjunções *que* e *se*, trazendo construções de dúvida, de hipóteses, ou de condição.

Cumpre registrar que as figuras acima não têm como objetivo final definir a rede do esquema [Será+x]. A ideia é somente mostrar como esse esquema possui *links* com outros esquemas da língua, como o da possibilidade. Objetiva-se, naturalmente, ao final da análise descrever o esquema desta pesquisa em vinculação com outros, como o [Xque_{connect}], por exemplo.

4.2 A micronstrução *Será que*

Nesta seção, analisamos a microconstrução *Será que*, em seus contextos de usos em textos jornalísticos, desde o mais básico, quando o verbo *ser* é empregado na sua função mais recorrente dentro dos usos da língua, com o papel de verbo de ligação, que liga o sujeito ao seu predicativo, uma função mais básica e lexical, e o *que* é utilizado como um conectivo, como conjunção integrante até outros usos mais abstratos nos quais a construção estudada assume valor dubitativo.

Como podemos analisar no dado a seguir:

(10) *A principal mudança será que a linha de o bairro Cavalari será desmembrada em duas e passará a ter [...] (CP, NOW, 2012)*

Observamos o uso mais prototípico do verbo, de acordo com a gramática normativa, em que o *será* verbo *ser* flexionado no futuro do presente do indicativo, na função de verbo de ligação que liga o sujeito “*A principal mudança*” à oração subordinada substantiva predicativa introduzida pela conjunção *que* “*a linha de o bairro Cavalari será desmembrada em duas e passará a ter [...]*”.

Foi possível constatar que a conjunção integrante *que* introduz uma oração subordinada predicativa, sem traços hipotéticos, ou de condição, e, sim, trazendo uma afirmação de algo que irá acontecer, característica predominante em verbos conjugados no futuro do presente do indicativo, como é o caso do verbo *ser* apresentado no dado de fala.

Ademais, também apresentamos usos mais composicionais do *será que*, analisando-o como um verbo com traço de condicional e o *que* é mais que uma conjunção, como podemos observar no dado a seguir:

(11) *20 horas – necessário para montar um vídeo editado de poucos minutos. Mas será que funciona? Está preocupado com a qualidade que o algoritmo pode produzir?*
(CP, NOW, 2012)

No dado em (11), nota-se que o *Será que* traz um questionamento, com uma hipótese de que o que estava sendo afirmado anteriormente realmente poderia funcionar.

Segundo Bybee (2010, p. 12), compreendemos que os processos cognitivos de domínio geral são aplicados ao uso linguístico, verificando como a frequência afeta a estrutura. Algo que conseguimos observar no uso do *Será que*, no decorrer do anos pesquisados no *corpus*, é que, quanto mais houve o uso da microconstrução – frequência *type* de *será que* –, mais ela foi perdendo o valor mais prototípico em função do aumento do valor de dúvida, ou possibilidade, como podemos observar na ocorrência seguinte:

(12) [...] *já saindo, só vi o baque. Eu aí saí gritando: 'será que é meu filho?' Quando cheguei eu vi a destruição. Menino maravilhoso [...]* (CP- NOW, 2012)

Em (12), *Será que* é utilizada com o valor de uma pergunta hipotética, uma possibilidade que precisa ser respondida. E, no decorrer das análises, percebemos que a frequência do uso em contextos, como esse, só aumentam, e, mesmo não obtendo uma quantificação exata pelo *corpus*, observou-se que os falantes começaram a recorrer a essa construção com mais facilidade em suas falas. Bybee (2003) traz um trabalho sobre o papel da frequência, como um dos mecanismos da mudança linguística, propondo que os padrões linguísticos são moldados pela frequência de uso, ou seja, as estruturas linguísticas que são mais frequentemente usadas pelos falantes se tornam mais salientes e organizadas hierarquicamente, ao longo do tempo.

Bybee (2010) argumenta que a frequência desempenha um papel fundamental na estruturação e no processamento da linguagem. As unidades linguísticas que ocorrem com mais frequência têm maior probabilidade de se tornarem automatizadas e integradas às redes cognitivas dos falantes, que é o caso observado na construção *Será que*, enquanto as unidades menos frequentes são processadas de forma menos efetiva. Ela observa que a frequência influencia a gramaticalização, que é o processo pelo qual elementos linguísticos se tornam mais gramaticais, ao longo do tempo. Elementos que são usados com alta frequência tendem a passar por processos de gramaticalização, nos quais eles se tornam mais estruturalmente complexos e adquirem funções gramaticais. A frequência também pode influenciar a organização das relações hierárquicas na gramática. Elementos que são mais frequentemente usados tendem a ocupar posições mais salientes e a influenciar a estruturação de outras construções e padrões linguísticos.

Sendo assim, o número mais elevado do uso da microconstrução é devido a um aumento no número (*token*) e tipos de contextos (*type*) em que esses morfemas gramaticais são adequados. Frequência *token* é o número de vezes que uma construção, em particular, ocorre em um texto ou *corpus*. Já na frequência *type*, observamos quantos itens diferentes ocorrem nos espaços (*slots*) esquemáticos das construções. Portanto, Bybee afirma que a frequência não é apenas um resultado da gramaticalização; é também um colaborador primário para o processo de gramaticalização, uma força ativa, instigando as mudanças que ocorrem (BYBEE, 2003, p. 602). Por esse motivo, analisar a frequência de uso das construções sob análise é tão importante, para que possamos observar e investigar as mudanças que estão ocorrendo de forma diacrônica ou sincrônica.

Na teoria estudada, a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade são fatores muito importantes para análise e descrição das construções, segundo o modelo de Traugott & Trousdale (2013). A esquematicidade refere-se ao nível de abstração das construções, ressaltando que esses pareamentos simbólicos podem ser bastante abstratos, ou bastante específicos (além de diversos pontos intermediários). Essa organização esquemática das construções tem sido representada por meio de uma hierarquia comumente composta de três níveis: esquema > subesquema > microconstrução. Os constructos, por sua vez, são os *tokens*, ou dados empiricamente comprovados no uso.

Já a produtividade refere-se à extensibilidade da construção, associada a sanções e restrições. O levantamento de frequência *type* e *token* também é importante nesse aspecto, já que a produtividade refere-se à capacidade de criar novas construções, ou padrões linguísticos de maneira flexível, estendendo as regras e estruturas existentes na língua para comunicar

novos significados, ou expressar novas ideias. Para Bybee (2009), a produtividade na linguagem está intimamente relacionada à frequência, aprendizado e memorização de construções linguísticas específicas. Ela enfatiza que a linguagem é flexível e adaptável, permitindo que os falantes usem construções existentes, de maneira criativa, e estendam-nas para expressar novas ideias. Nessa abordagem destaca-se a importância do uso efetivo das construções na compreensão da produtividade na linguagem.

Por fim, a composicionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado das construções. Pode ser de natureza sintática ou semântica. Bybee (2009) afirma que a composicionalidade se refere à ideia de que o significado de uma construção linguística mais complexa pode ser derivado, ou compreendido, a partir do significado de suas partes constituintes e da forma como essas partes estão combinadas. Em outras palavras, o significado de uma frase, ou expressão linguística, é construído a partir do significado das palavras individuais e das relações sintáticas entre elas. A composicionalidade permite que os falantes combinem palavras e construções de maneira flexível para expressar uma variedade infinita de ideias e, dessa forma, os mesmos elementos linguísticos podem ser reorganizados para criar novos significados. Na análise que se segue, utiliza-se o fator de composicionalidade para identificar os distintos graus de transparência na composição de *Será que*, rumo à sua formação, como uma locução conectora, e também nas ocorrências em que as suas partes separadas não formam essa locução, que analisamos da forma mais prototípica que a gramática normativa traz.

A propriedade de composicionalidade é o fator de análise que consiste no grau de transparência entre forma e significado. Partindo da composicionalidade semântica, se, em uma construção, o significado é recuperado, a partir de cada item componente, então, essa é uma construção mais composicional. Em contrapartida, se a soma das partes isoladas que compõem a construção não recuperarem o significado geral, uma vez que esse sentido só é recuperado na leitura do todo, essa é uma construção menos composicional. Vejamos as ocorrências:

(13) [...] favores sexuais; pagamento; distribuição de cargos; etc; etc. *Quando será que o Brasil vai se tornar realmente um país civilizado, e trata delinquentes como [...]*(CP, NOW, 2012)

(14) [...] este acórdão foi exaltado para vender o livro de o Dr. Sergio Porto, *será que são amigos?*, como o advogado citou acima agora existe a verdade real. (CP, NOW, 2012)

Assim, os dados em (13) e (14) são, respectivamente, usos mais e menos composicionais. Em (13), há um uso mais composicional da estrutura em destaque, pois é possível recuperar o significado de cada parte de *Será que* de forma isolada. Cada elemento mantém sua integridade semântica porque o verbo *ser*, flexionado no futuro do presente, carrega a carga semântica de existencialidade – “O Brasil existir, ser como país civilizado” – e o *que*, com o valor de uma conjunção integrante, um elemento conector introdutor de uma oração subordinada.

Já em (14), verifica-se que a interpretação é marcada pela leitura do todo, ou seja, é um uso menos composicional, tendo em vista que *Será que* se configura como um conector que relaciona duas porções da construção, trazendo uma ideia hipotética, uma dúvida que pode ser parafraseada como “é possível que sejamos amigos?” Tal hipótese de dúvida não pode substituir o *será que* em (13).

Nas construções estudadas, temos o verbo “SER”, que, flexionado na terceira pessoa do singular, no Futuro do Presente (SERÁ), indicando uma dúvida, apresenta uma ideia condicional, mesmo tendo o aspecto Perfectivo, uma expressão que ficou subentendida, como se observa na provável reescrita (14) *se será possível que seremos amigos, eu não sei, mas preciso saber*. Trata-se de algo como uma confirmação de “verdade” ou “possível”, uma possibilidade de evento. Embora a ideia hipotética, ou de condicionalidade tenha como o modo subjuntivo o predominante na conjugação dos verbos, conseguimos perceber que o verbo *ser* no indicativo também traz essa possibilidade de algo acontecer, de um questionamento, o que podemos observar no dado em (15):

(15) [...]comentou Ju Paes exaltando a amiga. Além de realizar seu sonho, **será que** esse novo visual é para algum trabalho novo? (CP, NOW, 2012)

Ou poderíamos dizer “Será (possível) que esse novo visual é para algum trabalho novo?”. Logo depois deste conjunto (*SER+QUE*), verifica-se a oração que deverá ser analisada segundo essa dúvida. Nesse caso, “o novo visual é para algum trabalho novo?”. Portanto, são duas orações conjugadas, em que a primeira mostra que há uma necessidade de confirmação, o que gera uma condição para muita gente. Ou seja, a macroconstrução [Verbo+Conj] faz a predicação da oração.

Quando se fala de condição, podemos lembrar das conjunções ou locuções condicionais. Neves (2009) afirma que na língua portuguesa as orações condicionais são

marcadas principalmente pela conjunção *se*, mas também por outras, como: *caso*, *que*, *desde que*, *uma vez que*, *contando que*, entre outras.

Parece que há subentendida uma condição, quando se lança mão do “se” para construir a oração. *Se ela fez esse novo visual para algum trabalho novo, eu não sei, mas preciso saber. Tenho essa dúvida.* O “se” acaba aparecendo e se conjuga com o termo “será que”.

Sabe-se ainda que, frequentemente, a interpretação das condicionais depende de informações que não são explícitas nem no anteposto, nem no posposto do condicional, mas que podem ser encontradas no conjunto de informações compartilhadas pelos interlocutores, isto é, no contexto. Por isso, são orações presas a um contexto discursivo maior, observa Santos (2006, p. 118).

Parece que há subentendida uma condição, quando se lança mão do “se” para construir a oração. *Se escrevi certo ou errado, preciso saber. Tenho essa dúvida.* O “se” acaba aparecendo e se conjuga com o termo “será que”.

Silva (2020, p.768) afirma que:

Cabe assinalar que a versati do verbo *ser* para se expressar por meio de diferentes categorias nas microconstruções com *ser* – quer sejam +lexicais quer sejam +/-lexicais ou +/-gramaticais – pode ser associada ao fenômeno da expansão de classe hospedeira, referido em Himmelmann (2004). Segundo esse autor, o aumento da incorporação de types diversos em um dado contexto semântico sintático está vinculado a alterações do significado básico de uma construção linguística e à sua produtividade. Assim, a diversidade de categorias que podem ocupar o slot nas microconstruções com *ser* indicia não apenas sua extensão semântica, mas também sua produtividade em frequência de *type*.

Percebe-se que o que colabora para a produtividade é o fato de *ser* ter significado de essência/ existência de natureza genérica, similar ao que acontece com os chamados verbos “leves”, ou verbos suporte (VIEIRA, 2014). Essa carga semântica lhe permite ter categorias de conteúdos diversos para adquirirem com ele sentidos diversos. Além de observamos e nos questionamos se o uso do verbo *ser* no futuro do presente do indicativo apresenta, por si só, essa ideia de possibilidade, ou hipótese, e talvez por isso está se tornando um possível conector de possibilidade hipotética nas construções estudadas.

Para entendermos como o conectivo foi formado, demonstrar os processos cognitivos envolvidos e apresentar as mudanças construcionais, precisamos procurar os contextos críticos, ou seja, aqueles contextos que propiciaram a neónalise por parte do falante, para a compreensão de um novo uso e posterior propagação.

Observemos, agora, o quadro retirado do estudo de Silva e Sabino (2020) sobre o verbo *ser*, no qual apresentam microconstruções em que *ser* exibe propriedades nitidamente lexicais, correspondentes às de verbos nocionais/pletos.

Tabela 02

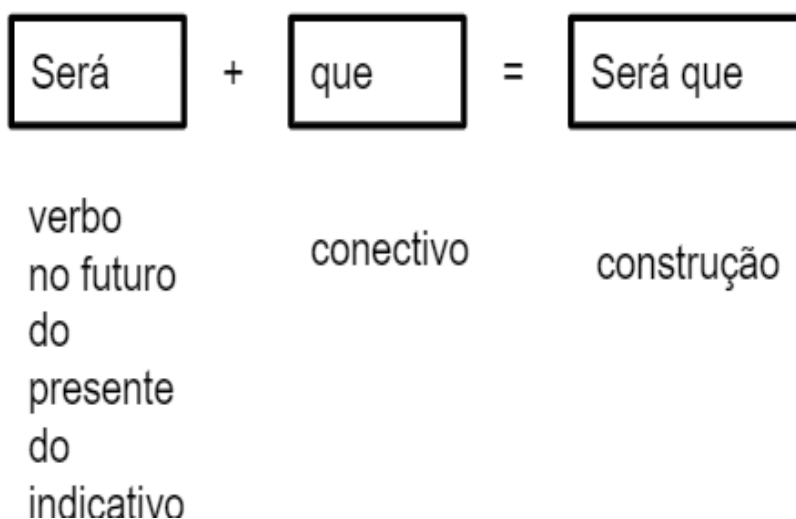
27. Operador de intensidade (muito) [[Or] [Ser] _{INTENSIVO} SA/SAdv] INTENSIFICADO]	(27) ... <i>ei o clube tá é grande...</i> (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 245).
28. Operador de restrição focal [[Or] [Ser] _{RESTRIÇÃO} [SN/SP/Or] _{COMP} IDENTIFICATIVO]	(28) ... <i>eu gosto mesmo é de ficar cobrando falta...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 12).
29. Operador de passivização [[SN _{SUJ}] [Ser V _{PP}] _{PASSIVA}	(29) ... <i>ela foi impedida de entrar na escola pelo diretor...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 113).
30. Operador modal deôntico (dever) [[Ser p(a)ra] _{OBRIGAÇÃO} [Or]]	(30) Quando bate o segundo sinal <i>é para subir a rampa.</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 67).
31. Operador modal epistêmico (talvez) [[Pode ser] _{INCERTEZA} [Or]]	(31) ... <i>pode ser que eu esteja sendo muito radical...</i> (FURTADO DA CUNHA, 1998, p. 126).
32. Operador modal epistêmico/ deôntico/afetivo [[Ser SA/SN] _{MODAL} [Or/SN] _{SUJ}]	(32) ... <i>é preciso ter cuidado de não avariar a peça...</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1996, p. 32).
33. Operador modal interrogativo de dúvida [[Será que] _{DÚVIDA} [Or]]?	(33) ... <i>será que é moda nova?</i> (VOTRE; OLIVEIRA, 1998, p. 21).
34. Marcador discursivo de avaliação [É SA/SN/SP] _{AValiação}	(34) <i>É claro... né minha filha... não... é sério...</i> (FURTADO DA CUNHA, 2011, p. 157).
35. Marcador discursivo de confirmação [[Ser] ([isso mesmo)]] _{CONFIRMAÇÃO}	(35) E - E sua avó estava velhinha né? I - É... (VOTRE; OLIVEIRA, 1995, p. 115).

Fonte: SILVA E SABINO, 2020, p.775.

O uso do verbo em 33, no futuro do presente do indicativo, apresenta a ideia de dúvida, de uma hipótese de algo que possa, ou não, acontecer. Sabe-se que os verbos conjugados no futuro do presente do indicativo trazem a ideia de algo que temos certeza de que irá acontecer, porém, ao conjugarmos o verbo *ser*, acompanhado da conjunção integrante, a construção ganha essa ideia hipotética de algo que é citado na oração que complementa o sentido da oração principal.

Como podemos observar na imagem abaixo, a construção *Será que* apresenta um valor conectivo ao contexto. De acordo com os estudos sobre a rede [*Xque*]_{CONNECT}, o conectivo *Será que* teve sua origem na união de duas construções – [será], presente na oração principal e [que], presente na oração subordinada – e, através de vários processos de mudança, passou a ser um *chunk*, uma só unidade linguística. Podemos dizer que houve construcionalização, pois ela agora consiste em um todo de forma e sentido.

Figura 04 – Construção *Será que*



Fonte: Autoria própria.

Com base nas análises teóricas e nos exemplos acima, podemos reafirmar que a construção *Será que* passou por mudanças construcionais, pois a construção *Será que*, apesar de manter seu valor original, em determinados contextos, apresenta função condicional. Além disso, nas análises do *corpus*, observa-se que, no decorrer do tempo, ocorre uma maior frequência do seu uso em situações de possibilidades hipotéticas, e uma vez sendo difícil de encontrá-lo em seus contextos originais, talvez seja o motivo de estarem trocando o *que* pelo *se*, já que sabemos que o *se* é uma conjunção prototípica de condicionalidade. E, como afirma Bybee (2010), as mudanças construcionais ocorrem, por meio do uso frequente e convencional de construções, em contextos específicos, levando a processos de reanálise e reestruturação. Essas mudanças são impulsionadas pela frequência e pela saliência das construções, refletindo a importância do uso, na evolução da gramática de uma língua, ao longo do tempo.

No que tange às mudanças construcionais, verificamos que os subcomponentes da construção são afetados, posto que a forma *será*, no futuro do presente do indicativo,

juntamente com o item *que*, expressam funções conectivas. Por sua vez, essas mudanças semânticas, sintática e morfológica levam à formação da construção $[Xque]_{CONNECT}$. (construcionalização).

4.2.1 A construção *Será que* no esquema $[Xque]_{CONNECT}$

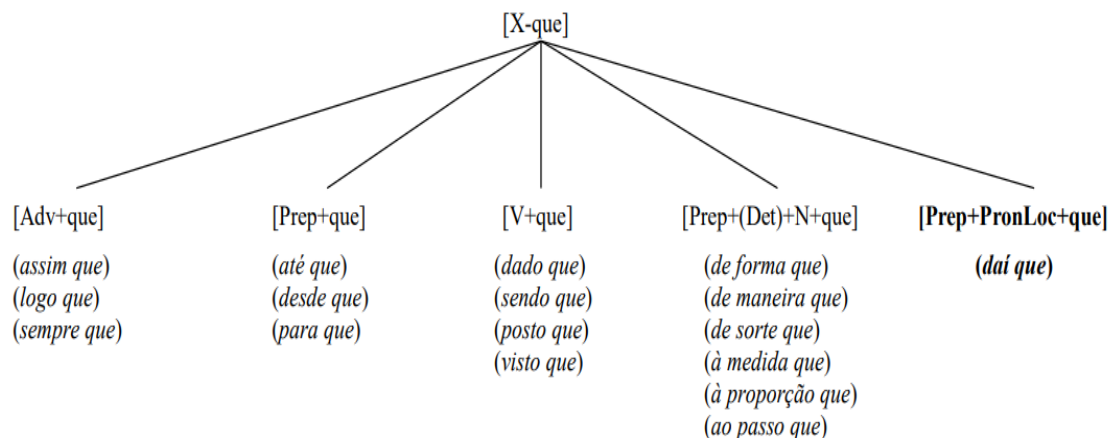
Nesta seção, baseando-nos nos estudos de Traugott (2008) sobre a gramaticalização dos modificadores de grau, reconhecemos no trabalho de Cezário (2015), Arena (2017) e Barreto (1999) os diferentes níveis de análise do processo de gramaticalização do esquema $[X-que]$.

Pesquisadores vinculados à Linguística Funcional Centrada no Uso defendem que o surgimento dos conectores é explicado, por meio de *chunkings* e neoanálises decorrentes da união de advérbios, preposições, verbos e de outras unidades linguísticas à partícula *que*, o que se convencionizou denominar rede $[Xque]_{connect}$. E esses conectores passam a atuar majoritariamente, como também observamos na nossa pesquisa, na combinação de orações finitas, em uma área mais central dos estudos gramaticais (cf. CEZARIO, SANTOS, SILVA, 2019).

O esquema 1, extraído de Arena (2015, p. 67), representa uma parte da rede $[Xque]_{connect}$. Por meio dessa representação, é possível perceber a presença de conectores mais clássicos, como *visto que*, *logo que*, ao lado de outros ainda pouco atestados nas gramáticas do português, como *daí que*.

Figura 05

Esquema 1. Rede taxonômica construcional das locuções conjuntivas

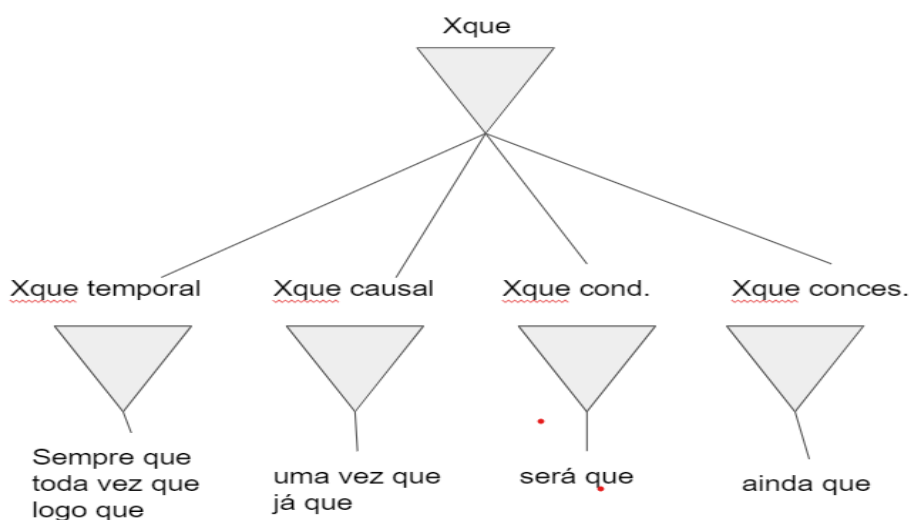


As construções esquemáticas são caracterizadas por sua flexibilidade e adaptabilidade a diferentes contextos. Elas podem ser preenchidas (em seus *slots*) com diferentes palavras, expressões, ou frases, mantendo a mesma estrutura básica. Quanto maior a esquematicidade, mais aberta a construção, maior a probabilidade de uma construção de permitir outras construções, a partir dela. Relaciona-se com o grau em que uma construção adquire padrões mais gerais, em uma série de construções mais especificadas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). É por essa perspectiva que podemos admitir que o *Será que* o qual se encontra na base do esquema [Xque] condicional, pode ser usado como um conectivo de ideia de condição, vinculando-se, neste caso, com o esquema do verbo *ser*.

Buscamos um maior esclarecimento acerca dos processos de mudança construcional, bem como um melhor entendimento do modelo de rede construcional. Para tanto, analisamos a construção *será que* e examinamos os contextos deflagradores das novas construções [Xque]_{CONNECT}, nas quais o conector *Será que* se insere; identificamos uma rede taxonômica construcional no esquema [X-que] e a rede construcional que o compõe; porém, mais importante ainda é reconhecer o novo nó independente nesta rede de conectores, o conector hipotético de possibilidade *Será que*, o que contribui para o aumento de produtividade da rede a que pertence.

Com base nos estudos propostos por Hudson (2007), Traugott (2010) e por Traugott e Trousdale (2013) acerca da relação entre as construções e a rede construcional, postulamos que a distribuição da rede construcional [Xque]_{CONNECT} (rede adaptada de Cezario (2015), que está e será explicada logo abaixo), poderia ser a seguinte:

Figura 06 - Rede [Xque]_{CONNECT}



Fonte: Cezario (2015), adaptada.

Verificamos que essa construção gera nova mudança na rede, porém ela ocorre de maneira gradual, com a criação de novos nós. Sendo assim, a partir de estudos de uma visão diacrônica da língua, constata-se a redistribuição de nós e *links* na rede. Além da investigação da rede construcional da construção [*Xque*]_{CONNECT}, constatando a presença dos mecanismos de mudança (analogização e neoanálise) na etapa da mudança construcional.

Outra questão a ser analisada é quanto à frequência (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) dessas microconstruções, já que, conforme afirma Bybee (2010), a frequência surge como fator predominante para o processo de formação das novas construções. Para essa autora, as mudanças linguísticas sucedem, conforme os falantes utilizam a língua e todos os mecanismos de mudança, dentre eles, a analogização. O mecanismo analógico corresponde ao uso de novos padrões no sistema linguístico, com base em exemplares previamente estocados.

É o que podemos ver em Santos e Cezario (2017, p.967):

Essas novas formas são empregadas com outros itens, gerando novas construções por influência de exemplares já experienciados pelos falantes. Assim, novos elementos podem mudar de categoria por analogia. Nossa hipótese é que construções como *uma vez que*, tenham formado a construção mais abstrata [*Xque*]_{CONNECT}, inicialmente com o X sendo preenchido por palavra que denota tempo, (como *vez*, *logo*, *já*), e que por analogia outras palavras foram colocadas no slot X, como *assim que*, *mesmo que*, *se bem*, dentre outras.

Diante do aumento da repetição e da frequência, o valor expresso por essas expressões pode se alterar, observando os três usos a seguir:

(16)[...] *Sendo um truque ou não, **será que** a vida humana não vale tudo o que aconteceu? "*, *questiona Liubov Tsibulska, de o Ukraine Crisis Media Center.[...] CP, NOW, 2019)*

(17)[...] *como já aconteceu várias vezes com o também ex-participante de o BBB18 Wagner. Mas **será que** essa é a só a primeira novidade para mãe, que agora tem uma[...](CP, NOW, 2019)*

(18)[...] *Se não houvesse os emails não se conheciam estas ilegalidades ou **será que** o doutor Domingos Soares Oliveira acha que isto é tudo regular? Ou será que o doutor Paulo Gonçalves acha isto tudo regular? Isto devia envergonhar- los, estas práticas ilegais deviam envergonhar- los. Ai é assim, um grande gestor receber por a porta de o cavalo? "*, afirmou. # *Em jeito de conclusão, Francisco J. [...](CP, NOW, 2019)*

Observa-se que no uso 16, a expressão *será que* tem o seu valor semântico original, em que o **que** introduz uma oração subordinada, e tanto o **será** ocupa seu lugar como verbo pleno e o **que** como conectivo. Já, quando analisamos os usos 17 e 18, percebemos que a expressão

será que, ganha um novo valor semântico, que poderíamos, facilmente, substituir pelo *se*, trazendo a ideia de condição. Tal fato leva-nos à hipótese de que seja o motivo de a conjunção *que* estar sendo trocada pela *se* em alguns usos da fala, como se observa, no quadro, o caso 33, em que poderíamos facilmente substituir “... *será que é moda nova?*” por “... *será se é moda nova?*” Percebamos que, ao usarmos o *se*, mantemos a ideia de dúvida, de uma hipótese interrogativa.

E, ao analisar os usos da construção *Serasse*, seria como a resposta a essa hipótese interrogativa, mas como uma interjeição. “...*será se é moda nova?*”, com a resposta “*Serasse?!*”. Percebemos que o verbo *ser* vai tomando um novo significado, em que ocorre uma ‘neanálise’, visto que, como Traugott enfatiza, a neanálise pressupõe não somente a mudança de forma da estrutura, mas também uma nova interpretação por parte do leitor/ouvinte, ou seja, a mudança reside tanto na alteração das fronteiras sintáticas quanto no aspecto semântico.

Em outras palavras, podemos dizer que houve um *chunking* pelo qual sequências de unidades são utilizadas em conjunto para formar unidades mais complexas. Assim, as sequências repetidas das palavras (ou dos morfemas) foram associadas conjuntamente na cognição e transformaram-se apenas em uma unidade. O *chunking* é um processo que gera unidades complexas de organização, a partir de partes singulares. Por meio desse processo, geram-se *chunks*: sequências de unidades embaladas como unidades de sentido. (cf. ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016).

4.3 *Será se*

Nesta seção analisamos a construção *Será se* e os seus contextos de usos; nossos pressupostos teóricos são os Modelos Baseados no Uso e entendemos que os padrões surgem a partir da frequência, da repetição, do contexto e da interação verbal. E, ainda, que o uso da língua está na formação de padrões que se refletirão nos “[...] processos cognitivos ativados na frequência do uso da língua.” (NEVES, 2018, p. 131). Na teoria das construções gramaticais, a Gramática de Construções parte da ideia de que, no uso, o falante se vale de padrões esquemáticos internalizados, que se definem pelo pareamento entre forma e função, os quais permitem a emergência dos usos de *Será que* e *Será se*.

Portanto, no uso, diante de um evento no mundo, o falante utiliza formas linguísticas que podem desempenhar funções que estejam associadas à forma como ele entende e significa o mundo.

A imagem 04 representa uma rede das microconstruções sob análise e vinculação delas com outros domínios. O Macroesquema [Verbo+Conj] +oração, esquema a CX: [Verbo+Conj], que pertence ao domínio semântico da *possibilidade*, permite o entendimento de como há os valores (ou traços semânticos) de alternativas ou chances, presentes nas microconstruções [Será x], [Penso x], [Acho x] e [Pode x], que seriam os verbos que poderiam ser acompanhados pelos pronomes *que* e *se*, mostrando-nos que a produtividade das construções em que *o que* pode ser substituído pelo *se* é relativamente alta, o que poderia motivar o uso da conjunção *se* em lugar de *que*.

Observem-se algumas ocorrências do uso a seguir:

(19) É muito difícil planejar o transporte de elefantes. Pode imaginar o quão difícil **será se** você nem sabe com que papelada precisa de lidar ou porque porto tem de[...] (CP, NOW, 2019)

(20) [...]os 2 jogos e nada de obter tela azul ou algo de o tipo. **Será se** pode ser algo relacionado com tensão o problema de essa MOBO? (CP, NOW, 2019)

(21) To passada que a kylie jenner fez uma festa de the handmaid' s tale... **será se** ela entendeu o quão grave é a temática? O quão grave é ser[...] (CP, NOW, 2019)

(22)[...]modelo é vermelho, como aponta as fotos em seu Instagram Reprodução/Instagram # 8/11 # **Será se** ela e o craque estão vivendo um romance?

(23)[...]que não tinha ninguém e logo em a primeira sala ele perguntou pra mim' **será se** tem alguém em essa sala?' abriu a porta, viu que ela[...] (CP, NOW, 2019)

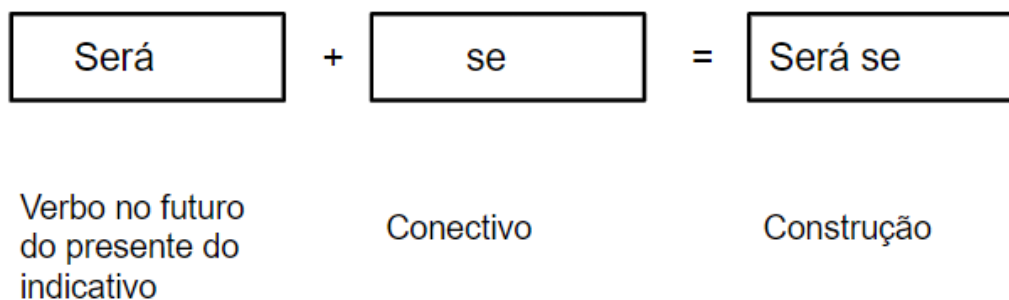
(24) [...]brasileiros perdemos com essa política maldita que só acaba com agente??? **Será se** o povo Merece ser sacrificado pra isso? Teve uma época que a Petrobrás[...] (CP, NOW, 2019)

Ao analisarmos o emprego em (19), podemos observar que a expressão *será se* tem o seu valor semântico de uso mais prototípico, de acordo com a gramática normativa, como observamos no da primeira seção em (1), com a conjunção *que* introduzindo uma oração subordinada, mas, agora, observa-se o *se* introduzindo a oração, e novamente o **será** ocupa seu lugar como verbo pleno e o *se* é o conectivo. Já, quando analisamos os usos 20, 21, 22 e 23, percebemos que a expressão *será se*, ganha um novo valor semântico, trazendo a ideia de condição, mas que poderíamos usar a conjunção *que* no lugar da conjunção *se*, sem perder o sentido do que estão querendo dizer.

Podemos afirmar que ocorreu o mesmo fenômeno observado com as construções *Será que* e *Será se*, pois a *Será se* apresenta um valor conectivo ao contexto e se observa que o conectivo *Será se* teve sua origem na união de duas construções – [será] verbo ser flexionado no futuro do presente, encontrado na oração principal e [se] conjunção condicional, presente na oração subordinada – e, por meio de vários processos de mudança o *Será se* passou a ser um *chunk*, uma só unidade linguística.

Vejamos a imagem:

Figura 08 - Construção Será Se



Fonte: Autoria própria.

A partir dos usos relacionados neste texto, podemos encaminhar uma prévia conclusão de que a construção *Será se* também passou por mudanças construcionais, na forma e na função, o que levou a uma construcionalização. No que tange às mudanças construcionais, verificamos que os subcomponentes da construção são afetados, posto que o verbo *será*, no futuro do presente do indicativo, juntamente com o item *se*, expressam funções conectivas. Por sua vez, essas mudanças semântica, sintática e morfológica levam à formação de uma possível rede construcional da construção $[Xse]_{\text{CONNECT}}$.

4.4 Os usos da construção Será-X no Twitter

Nesta seção, analisamos o *corpus* da rede social Twitter, um *corpus* constituído para a finalidade desta pesquisa, tendo em vista que a expressão *serasse* não foi encontrada no Corpus do Português, por ser uma construção nova entre os falantes da língua portuguesa brasileira. Ao analisarmos construções provenientes de comentários da rede social, ambiente muito utilizado pelos usuários, atualmente, contribuímos não só para a descrição da língua, mas também com o seu ensino e das suas mudanças, uma vez que o ambiente das redes sociais é muito utilizado pelos jovens e esses usos são confrontados com o ensino da norma padrão. Dessa forma, é importante que os professores tenham acesso a pesquisas descritivas sobre fenômenos que, constantemente, são objeto de debate nas aulas de língua portuguesa.

O *Serasse* é um uso muito recente, decorrente das mudanças ocorridas, a partir da forma *Será que*. Casseb-Galvão e Bagno (2017) relacionam a mudança com a instabilidade sistêmica, ou seja, algo natural do próprio sistema linguístico, revelando alterações formais e funcionais das entidades linguísticas, as quais precisam ser compreendidas e descritas. Bybee (2010) descreve o sistema linguístico analogicamente à metáfora das dunas de areia, que possuem uma

aparência de estabilidade, mas estão em constante movimentação, o que se deve à instabilidade sistêmica. Por esse motivo, optamos nesta pesquisa por descrever o uso do *Serasse* pois, mesmo que não esteja implementado na língua, como mudança efetiva e visível em todas as modalidades, é uma microconstrução altamente recorrente nos ambientes virtuais e entre a população mais jovem e, portanto, pode ter alta chance de se implementar efetivamente na língua.

Casseb-Galvão (2017, p. 9) admite uma visão de mudança ampla, reconhecida como sociofuncionalista em que

[...] fatores internos e externos à constituição sistêmica: representativamente, fatores linguísticos, relativos à constituição fonético-fonológica, morfossintática, semântica e discursivo-pragmática; e fatores sociais, como faixa etária, gênero etc. E também são considerados fatores de ordem cognitiva, relativos, principalmente, à capacidade analógica, metafórica e metonímica dos usuários das línguas.

A mudança linguística começa com um uso inovador que, mediante o uso frequente, cria uma nova representação na mente do falante. A implementação efetiva de uma mudança depende de relações mais complexas de ordem cognitiva, como a automação, a amalgamação, e *chunking*, e, ainda, a dessemantização e a decategorização. Esses processos favorecem para que o uso se espalhe por uma comunidade de falantes maior, em direção a uma mudança efetiva, isto é, implementada na língua. A Gramática de Construções fornece aporte teórico para mensurar como e em que estágio essa mudança ocorre na língua, explicando os processos e as motivações que levam às mudanças. Traugott e Troudalle (2013) se interessam em explicar como as mudanças são instanciadas e por que elas acontecem nas línguas. É por esse motivo que aqui buscamos descrever e entender um pouco a respeito desse uso absolutamente inovador que é o *Serasse*.

As inovações na língua podem ser pontuais, isto é, indiosincrasias de um falante, ou ouvinte particular, e podem, por exemplo, ser inicialmente manifestadas em ambientes mais restritos. Tais inovações podem se espalhar para as redes sociais em que assumem um alcance maior, mas, ainda assim, não podem ser configuradas como uma mudança em nível de comunidade de falantes. Porém se essas mudanças alcançarem um número maior de usuários e ultrapassarem os limites da redes sociais, as alterações, na forma, ou no sentido, podem, sim, configurar-se como um indicativo de mudança linguística.

A linguagem virtual é, em essência, bastante simples, configurando-se como uma linguagem articulada com as tecnologias de informação e comunicação, as TICs. Por meio

delas, é possível obter e fornecer informações, comunicar, interagir e, em particular, aprender. Segundo Kenski, a linguagem digital é:

[...] uma linguagem de síntese, que engloba aspectos da oralidade e da escrita em novos contextos [...] rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempo e pessoas diferentes (2007, p. 31).

A linguagem virtual impõe mudanças significativas nas formas de acesso à informação, criando, conseqüentemente, novos e dinâmicos processos de produção e difusão de conhecimentos. Cria, dessa forma, uma nova cultura, a partir de sua estrutura de codificação distinta e particular. Não há como negar que tal modalidade se caracteriza como um tipo de língua em uso e, mesmo que ainda não seja possível mensurar em que medida essa modalidade exercerá influência na língua, como um todo, é importante considerar o seu significativo peso na sociedade atual.

Na abordagem construcional da gramática, a língua é considerada como uma rede de pares de forma e significado. Observamos, também, como a mente organiza, ou dispõe a rede conceptual do falante. Assim, por levarmos em consideração a visão construcional e cognitiva, nossa pesquisa se torna relevante, pois se insere no âmbito de estudos do Português Brasileiro, mais especificamente, dos usuários da rede social *Twitter*, *locus* em que ainda há poucos estudos sobre a língua em uso.

Os padrões e esquemas internalizados pelo falante podem emergir na superfície linguística, constituindo um rico objeto para pesquisas voltadas à perspectiva cognitivista dos estudos da linguagem e também da interculturalidade, como é o caso das expressões que analisamos em nossa pesquisa, *será que*, *será se* e *serasse*.

Por conseguinte, é necessário ter em mente que a atividade linguística não pode ser entendida como uma atividade unilateral. O falante, quando interage com outra pessoa, mobiliza muitos outros recursos, além do linguístico, para ser entendido. Desse modo, outro elemento que deve ser considerado na análise linguística é o elemento social. A interação social exige mais do que a mera mobilização de conhecimentos linguísticos para ter sucesso. O falante precisa compreender o contexto geral em que se insere (incluindo aí, também, seu interlocutor). E, como se observa que as redes sociais, hoje, são o meio de comunicação mais utilizado pelas

pessoas, buscou-se observar a mudança linguística advinda do meio virtual para o uso dos falantes.

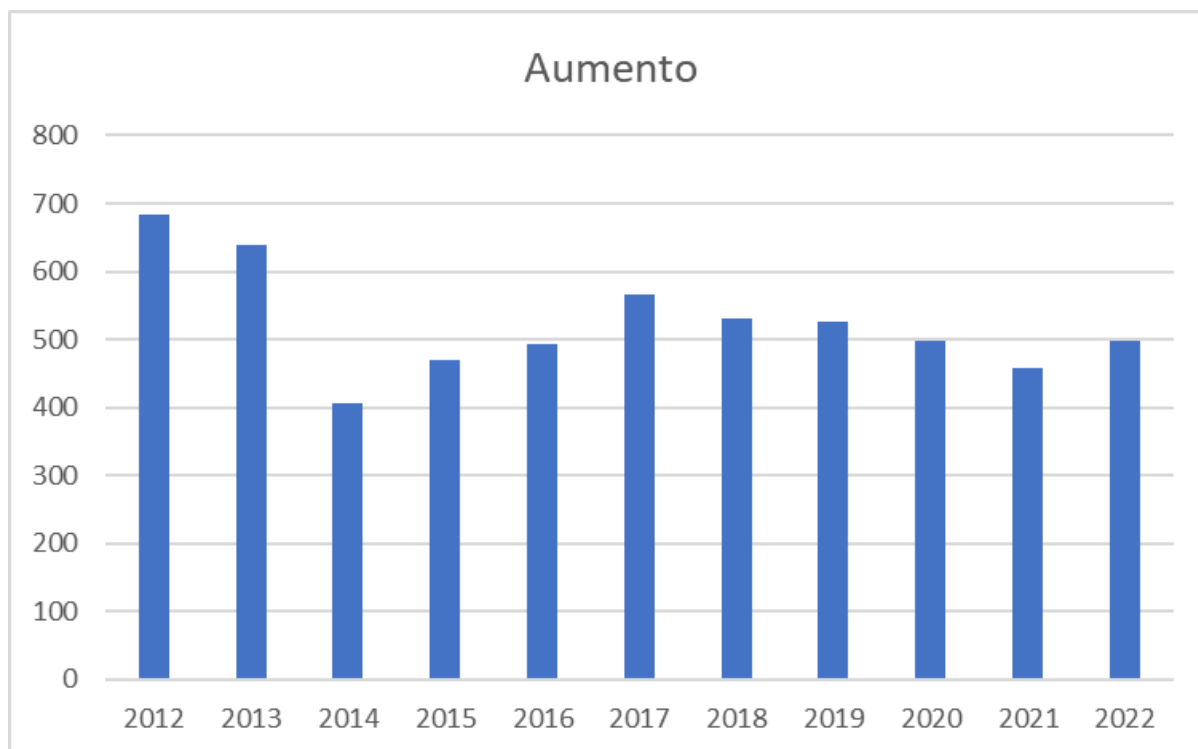
Para realizar as análises e verificarmos se realmente houve uma mudança linguística entre as construções estudadas, fizemos uma busca nos dados do *Twitter*, em que verificamos as ocorrências das três microconstruções: *será que*, *será se* e *serasse*, do ano de 2012 até o de 2022.

Observou-se que realmente há o uso das três construções nas falas dos usuários da rede social, porém, com o decorrer do tempo, observou-se uma queda, mesmo que pequena, no uso da construção *será que*, enquanto houve um aumento na construção *será se*, e um aumento mais significativo na construção *serasse*, cuja primeira ocorrência foi encontrada no ano de 2013.

4.4.1 *Será que* no *Twitter*

Nesta seção, exploramos a microconstrução "Será que" em diversos contextos de uso, na rede social *Twitter*, começando pelo uso mais fundamental, no qual o verbo "ser" desempenha sua função comum na gramática normativa, atuando como um verbo de ligação que conecta o sujeito ao seu predicativo. Em seguida, abordamos sua função mais elementar e lexical, além de sua aplicação como um conectivo, funcionando como uma conjunção integrante. Por fim, discutimos usos mais abstratos nos quais essa construção assume um valor dubitativo.

O uso de *Será que* foi encontrado na rede social *Twitter* em usos semelhantes àqueles encontrados no Corpus do Português. O primeiro, com o verbo *ser* em sentido existencial, flexionado no futuro do pretérito e pronome relativo *que*, introduzindo uma oração subordinada. Esse uso, em que ocorre o máximo de composicionalidade entre os itens e os sentidos lexicais de cada uma das palavras, é preservado. Por outro lado, com menos composicionalidade, o *será* ocorre com um valor dubitativo, já implicando uma dessemantização do significado mais básico, existencial.

Gráfico 01 - Frequência do uso Será que no Twitter

Fonte: Autoria própria

Como podemos observar, o uso da construção *será que* entre os falantes das redes sociais é evidente, da mesma forma como observamos no *corpus* do Português NOW 2012, analisado anteriormente. Nos dados apresentados verifica-se o uso da construção em diferentes contextos, apresentando diferentes funções, como verificado anteriormente no *corpus* do português, na seção 4.1, em que se observou o uso do *será que* em situação mais prototípica, de acordo com a gramática normativa, mas também em situações com um valor semântico de hipótese, ou possibilidade.

Ao analisarmos os usos a seguir, verificamos que o *será* é o verbo de ligação que liga o sujeito à oração subordinada substantiva predicativa introduzida pela conjunção *que*, uso que é mais prototípico, de acordo com a gramática normativa.

[25] “*Quem será que vai ser cancelado hoje?*” (twitter)

[26] “*O que será que eles estão preparando nesse caldeirão?*” (twitter)

Observa-se nos usos anteriores a conjunção integrante *que*, introduzindo uma oração subordinada predicativa e o verbo *ser* em sua forma flexionada no futuro do pretérito, com

valor lexical pleno, sem traços hipotéticos, ou de condição, e, sim, apenas integrante de um questionamento de algo que acontecerá, característica predominante em verbos conjugados no futuro do presente do indicativo, como é o caso do verbo *ser* nos usos em (25) e (26).

Já em (27), (28) e (29), a seguir, há uma situação diferente:

[27] *Gente o mercado ja tá cheio de panetone, o povo ja falando de role da virada de ano, e eu to tipo?????? Será que eu parei no tempo ou esse povo que ta doido kkkkkkkk (twitter)*

[28] *Será que algum dia na minha vida eu vou conseguir ter uma conversa séria sem chorar ?? (twitter)*

[29] *Será que vou ganhar algum chocolate domingo? (twitter)*

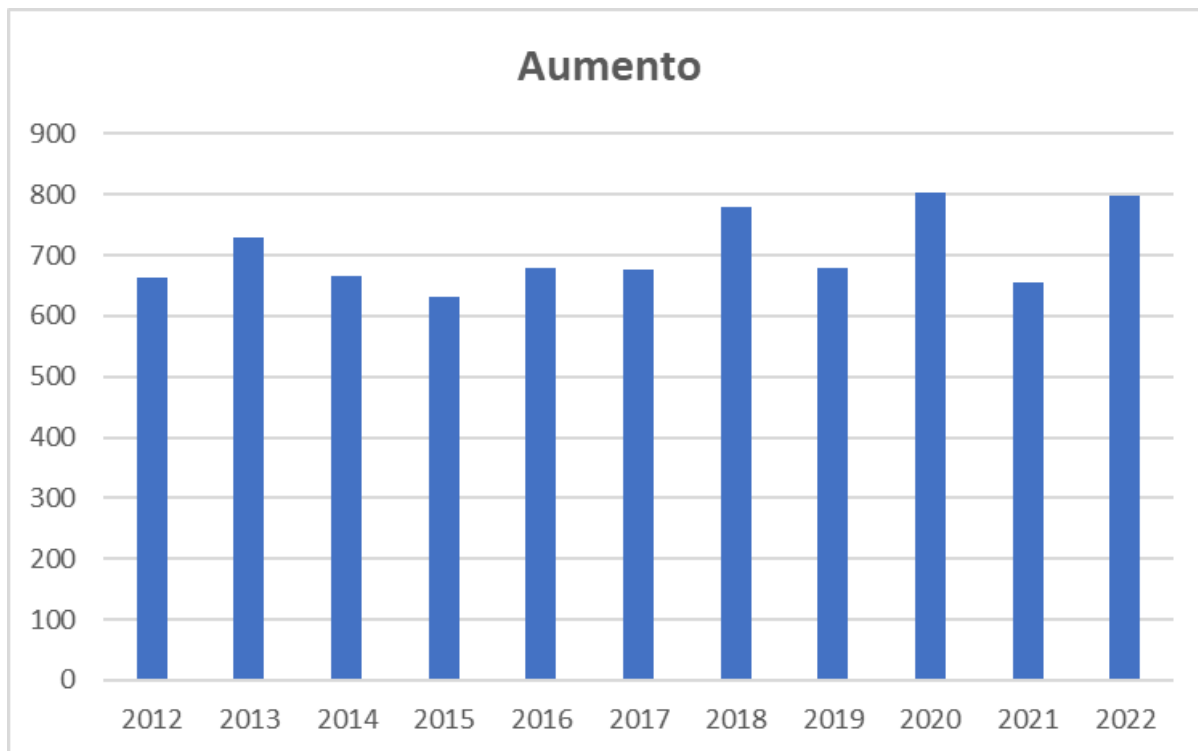
Analisando os dados 27, 28 e 29, notamos que o sentido semântico das construção *será que* é alterado. O verbo *ser* passa por uma dessemantização, isto é, perde parte de seu valor semântico original de verbo existencial. Ele não tem mais o valor de uma existência que acontecerá no futuro, perde esse valor, sendo mantida apenas a ideia de incerteza, que é inerente a qualquer existência futura, uma vez que se trata de um evento não concreto, que faz parte do mundo das ideias, das intenções. A incerteza faz parte do domínio semântico da dúvida e é esse o fator responsável para que esse verbo tenha a sua categoria mudada de existência para dubidativo. Da mesma maneira, o *que* migra do seu valor categorial de pronome relativo para se juntar com o *será* e construir com ele um valor único, os dois ocorrendo em único empacotamento semântico. Há entre esses elementos uma quebra de fronteira categorial, isto é, uma amalgamação, a qual leva ao *chunking*, neste caso, com um encadeamento muito mais semântico que formal, propriamente. O valor dubidativo é o que prevalece nessas construções; a dúvida se vincula muito fortemente à hipótese e é por esse motivo que a conjunção *que* vem sendo facilmente substituído pela conjunção *se* pelo seu alto valor hipotético.

Cumprindo ainda observar que, na maioria dos casos nos quais a construção *será que* assume o valor semântico de dúvida, ou condição, ela costuma ser utilizada em início de períodos ou em orações absolutas. Algo que também observamos ser predominante nas construções de orações subordinadas adverbiais condicionais. Como se vê, o domínio semântico da dúvida exerce uma força, atraindo diferentes formas e modificando-as, a fim de que elas se acomodem às estruturas prototípicas indicadoras de dúvida, como as condicionais.

Em seus estudos, Bybee (2010) destaca a importância das relações entre construções, na gramática de uma língua. Ela propõe que as construções estão conectadas por meio de relações de entrelaçamento (*entrenchment*), ou seja, quanto mais frequentemente uma construção é usada, mais forte e estável ela se torna na mente dos falantes. Esse entrelaçamento pode criar relações de dependência e hierarquia entre elas. Isso parece explicar a ocorrência da construção *será que*, com valor dubidativo, no início da oração, a exemplo das condicionais, já que as construções linguísticas são organizadas em redes de relacionamento, nas quais elas estão conectadas por meio de relações de similaridade e diferença. Sabendo disso, analisamos a similaridade das construções *Será se* e *Serasse* com a construção *Será que*. Depois de analisarmos os contextos de uso da construção *será que* e observarmos a mudança semântica da construção em seu uso, certificamos que a construção é fortemente recorrente em situações de hipóteses, condições ou dúvidas, um uso similar ao da construção *será se*, e esta, como se verifica nos dados, apresentou um aumento relativamente notável, no decorrer dos anos, na rede social *Twitter*, como consta no gráfico da próxima seção.

4.4.2 Uso do *Será se* no Twitter

A seguir constam os usos da microconstrução *Será se* no Twitter.



Ao analisarmos a frequência do uso da construção *Será se*, verificamos que, realmente, está se tornando bem recorrente no uso dos falantes do português brasileiro, não só na escrita

mais convencionalizada, como observamos a partir dos *corpora* do Corpus do Português, como também no uso entre os usuários da rede social *Twitter*, que é um ambiente de uso da escrita mais informal.

Bybee (2010) afirma que a frequência de uso de uma construção linguística influencia sua evidência e acessibilidade cognitiva. Quanto mais uma construção é usada, mais ela se torna enraizada na mente dos falantes, tornando-se uma forma prontamente disponível e familiar. Isso leva à facilidade e à rapidez no processamento da linguagem. Casseb-Galvão e Bagno (2017) explicam que a automação que, na língua pode ser entendida como uma implementação dos processos de gramaticalização decorre do aumento da frequência de uso; aquilo que fazemos com mais frequência se torna mais fácil e, portanto, mais provável de ser utilizado mais vezes e em mais situações.

Além disso, a frequência também está relacionada à mudança linguística, já que as construções linguísticas se alteram, ao longo do tempo, por meio de processos de frequência e analogia, que é “ [...] o processo pelo qual um falante passa a usar um novo item em uma construção” (Bybee, p.101, 2010).

O uso mais generalizado da construção *Será se* deve-se muito à automação, visto que por esse processo ela se torna um esquema mental mais acessível, mais fácil e produtivo, explicando, assim, a troca, cada vez mais recorrente, do *que* pelo *se*. Observemos os dados extraídos da rede social a seguir:

[30] *O que felicidade será se realmente o Osvaldo for vendido. (Twitter)*

[31] *Mas fácil será se nós se juntarmos! #MPN #CLAUDIALEITTE (Twitter)*

Nos usos em (30) e (31) acima, o verbo *ser* no futuro do presente do indicativo foi utilizado como um verbo de ligação da oração principal, e a conjunção *se* está como uma conjunção integrante, que está introduzindo a oração subordinada substantiva predicativa, isto é, os termos que constituem a construção mantêm preservados os seus sentidos mais básicos e mais composicionais com o *ser* pertencendo à primeira oração, na função de verbo de ligação, e o *se* estabelecendo uma conexão com o sentido de condição, porém, com a descrição mais pontual daquilo que será condição. A condição, como já foi anteriormente explicado, pertence ao domínio da dúvida visto que se trata de algo indefinido.

Já, quando analisamos os usos em 32, 33, 34 e 35, observamos que a construção *Será se*, foi utilizada em situações de condição, de dúvida ou hipótese. Em 10, nota-se que até os usuários da construção percebem o quanto é prototípica para situações de perguntas hipotéticas.

[32] *Será se eu vou conseguir acorda cedo amanhã?? (Twitter)*

[33] *Será se eu sou inamável ? (Twitter)*

[34] *será se" sempre vai ser o melhor início de frase" (Twitter)*

[35] *Será se tô enchendo o saco dela? (Twitter)*

Diferentemente do que ocorre em (30) e (31), os usos de agora não estabelecem nenhuma relação articulatória entre um fato e uma condição, como nos anteriores. Esses usos indicam uma construção dubidativa, por excelência. Elas revelam um processo de dessemantização com a incorporação do sentido, de maneira acentuada; note-se que nesses casos não é mais a noção de condição que prevalece e, sim, de dúvida mesmo. Observa-se que, quando a construção *será se* ganha o seu valor semântico de condição e dúvida, ela tem uma maior frequência no início de períodos, mostrando ser mais prototípica para iniciar indagações, e que seu uso já está enraizado na memória rica dos usuários da língua portuguesa, sendo uma construção recorrente em suas falas, quando questionam alguma coisa. Não cabe aos propósitos deste trabalho nenhum estudo fonético, a fim de se conferir a curva entonacional de *Será se*, mas, intuitivamente, temos a impressão de que há uma quebra de barreira fonológica na pronúncia dessa construção, no início da oração, o que comprovaria ainda mais o processo de amálgama que levaria à produção de um *chunk*.

Outro fato interessante é que observamos que a construção *será se* aparece com maior frequência nos usos de condição do que nos usos das construções 30 e 31.

Entretanto, quando analisamos o uso 36, podemos perceber uma situação em que encontramos a construção *será se* sendo utilizada quase como uma interjeição, uma resposta para alguma determinada situação. Poderíamos utilizar até a fala do dado 35, em que “**Será se** tô enchendo o saco dela?” e a resposta seria “**Será se...**”.

[36] *Será se ... (Twitter)*

Nesse contexto, uma observação importante foi a identificação de uma similaridade ainda mais profunda com os usos encontrados da construção "serasse", que serão discutidos a seguir. Essa similaridade serve para justificar, de forma mais concreta, as conexões na rede da construção "Será + X" que mencionamos anteriormente.

A análise dessas construções revela como ocorrem processos de dessemantização, nos quais observamos que o significado habitual, de acordo com a gramática normativa de "será que" e "será se" é modificado, ou atenuado, contribuindo para a criação de um valor dubitativo, ou de interrogação.

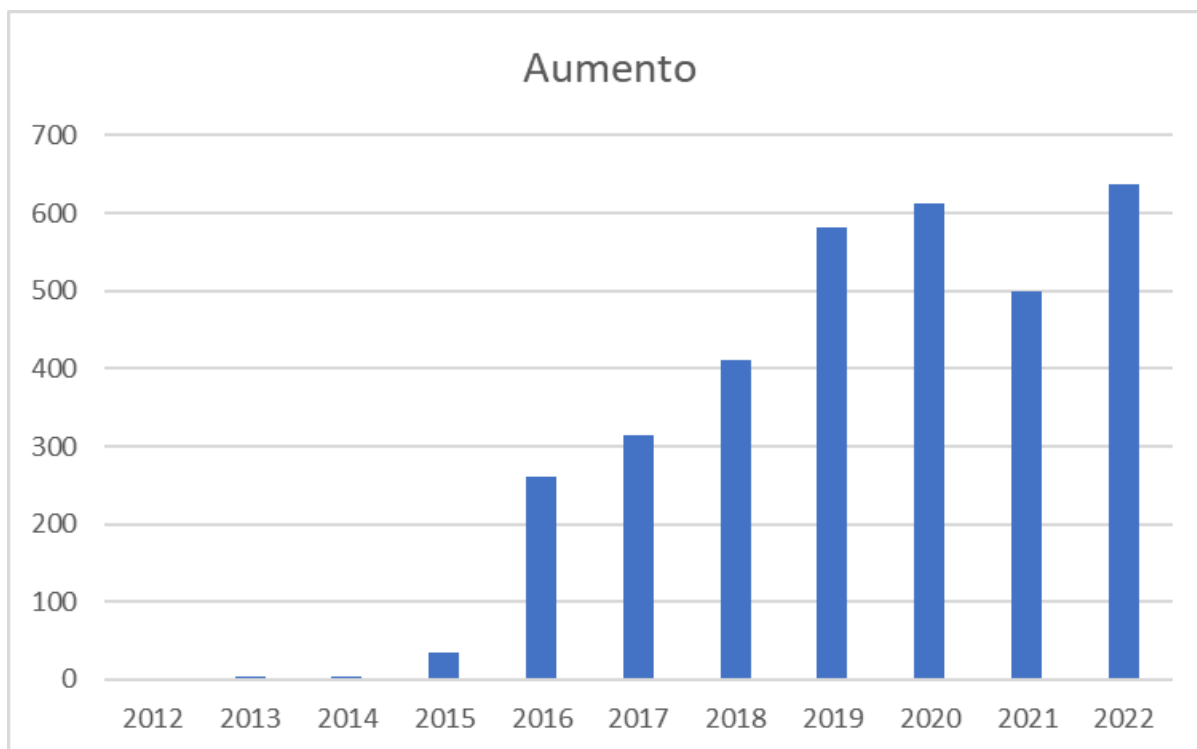
A identificação de padrões recorrentes na combinação de "Será + X" e "serasse" pode ser vista como um exemplo de "*chunking*", em que sequências de palavras se tornam unidades significativas maiores que facilitam o processamento da linguagem.

A análise das mudanças nas funções gramaticais de "ser", no futuro do pretérito do indicativo e "se" pode ser vista como uma mudança categorial, em que essas palavras assumem funções diferentes das tradicionalmente atribuídas a elas.

Além disso, observamos como a composicionalidade opera em uma construção, ou seja, como as partes individuais contribuem para o significado global da frase, particularmente quando "Será + X" migra do nível intraoracional para o campo da intersubjetividade, já que é possível explorar como essas construções contribuem para uma maior interação e comunicação eficaz entre falantes, levando em consideração os elementos de dúvida, questionamento e reflexão.

Abaixo, podemos observar, no gráfico, o surgimento da construção *serasse* entre os usuários da rede social *Twitter*, que apresentou a sua primeira ocorrência na rede, no ano de 2013, tendo apenas 4 usos, mas, com o decorrer do tempo, teve um aumento surpreendente na frequência do uso, saindo de 4 para 638 usos, no ano de 2022, provando que é uma construção recorrente entre os falantes da língua portuguesa que usam a rede social *Twitter*, isso sem contar que, hoje, há outras redes sociais utilizadas pelos falantes, nas quais poderíamos observar esse aumento também, já que as transformações observadas em redes sociais podem não ser meras alterações no número de usuários, mas, sim, modificações de significado, ou forma, que são replicadas e documentadas nos dados.

4.4.3 Uso do Serasse no Twitter



A frequência se refere à ocorrência repetida de construções linguísticas, na fala ou na escrita dos falantes de uma língua. Por isso, ao analisarmos o gráfico, falamos tanto sobre a frequência do uso da construção analisada.

Bybee (2010) afirma que a frequência de uso de uma construção influencia a mente dos falantes. Quanto mais uma construção é utilizada, mais enraizada ela se torna, sendo mais prototípica para determinadas situações entre os usuários. A frequência influencia a memorização, a automação e a facilidade com que as construções são acessadas e utilizadas na memória rica.

A combinação da frequência e da analogia, de acordo com os estudos da teoria, sugere que a frequência de uso de uma construção influencia a sua propensão à analogia. Construções frequentemente usadas têm maior probabilidade de serem estendidas e adaptadas a novas expressões, caso que acreditamos ter ocorrido entre as construções *será se e serasse*.

Já que a analogia refere-se ao processo cognitivo pelo qual os falantes estendem o uso de uma construção, a partir de construções semelhantes ou relacionadas; ela ocorre quando os falantes identificam padrões comuns entre construções e aplicam esses padrões a novas expressões, ou contextos linguísticos.

Sabemos que a construção analisada está relacionada ao ambiente virtual imediato. No entanto, mesmo sendo um ambiente imediatista, a construção aparece num número expressivo de vezes, o que pode indicar mudanças construcionais.

Analisando os exemplos retirados do *corpus*, verificamos que, nos usos 37 e 38, encontramos o seu sentido como o de *será que* e *será se*, que traz uma ideia de hipótese, ou condição de algo que aconteceu ou vai acontecer.

[37] *toda vez que conheço um macumbeiro eu sempre me apaixono e nunca sou correspondida rrsrs **serase** ele sente minha energia?? tenho energia pesada e não sei????? ódio kkkkk (Twitter)*

[38] *Cara eu tenho umas manias esquisitas, estava pensando agora "**serase** eu sou o único ser humano viciado em comprar escova de dentes?" (Twitter)*

Já quando analisamos os exemplos 39, 40 e 41 notamos que o *serasse* já começa a ganhar um novo sentido, não perde a ideia de hipótese, condição ou dúvida, mas vem também com um sentido de uma falsa certeza, de achar que algo não poderia ser verdade.

[39] ***serase**????!!! *tenh nem dúvida* (Twitter)*

[40] ***serase** migaa???????????? (Twitter)*

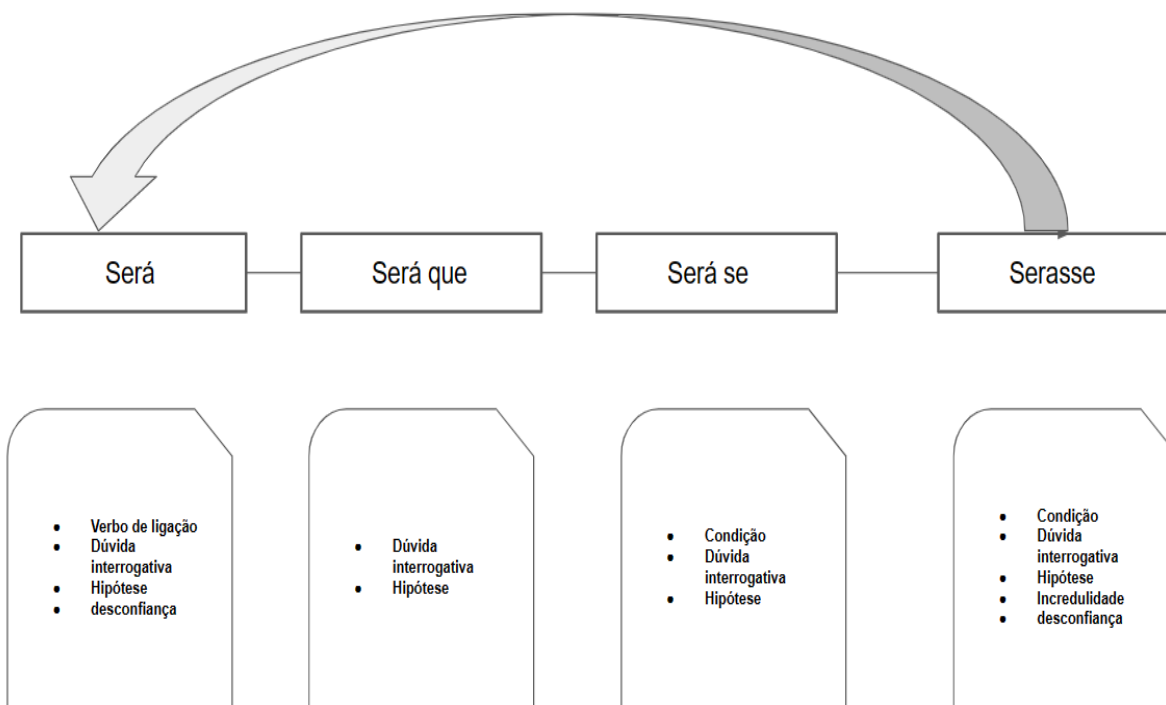
[41] *hmmm **serase** 🤔 (Twitter)*

Mas o *serasse*, ao ser analisado em seus contextos de uso, deixa verificar o seu emprego até no lugar do verbo *ser*, no futuro do presente do indicativo. A frequência da construção *serasse* está tão alta entre os usuários que está se tornando prototípica para o uso, quando o falante quer indicar uma dúvida, que já podemos observar o *serasse* acompanhado da conjunção *que*, como observamos no exemplo 42.

[42] *Gente, **serasse** que é só eu que fico escorregando do banco nos transportes públicos? (Twitter)*

As mudanças linguísticas podem ocorrer de maneira gradual, afetando tanto a forma quanto o conteúdo das estruturas da língua. Essas mudanças podem levar à criação de novos nós na rede, representando novas construções, ou padrões linguísticos, como estamos observando na construção *serasse*.

Na diacronia de uma língua, observamos a redistribuição dos nós e links da rede. Isso significa que as relações entre construções e os padrões de uso podem se alterar ao longo do tempo. Alguns nós podem se tornar mais proeminentes e estabelecidos, enquanto outros podem perder força, ou desaparecer completamente. Além disso, novos links podem ser estabelecidos entre construções que anteriormente não estavam conectadas, como podemos ver na imagem a seguir.



Essas mudanças na rede linguística podem ocorrer devido a uma variedade de fatores, incluindo a interação social, o contato entre diferentes dialetos ou línguas, as mudanças nas necessidades comunicativas e as influências culturais. À medida que a língua evolui e se desenvolve, os nós e links da rede linguística são reorganizados, refletindo as mudanças na estrutura e no seu uso, ao longo do tempo, como se observa nas construções estudadas, em que a nova construção traz uma nova forma, mais similaridade com o verbo ser no presente do indicativo, quando usado sozinho, como se fosse uma interjeição, um questionamento, uma dúvida com um pouco de incredulidade.

Portanto, na diacronia de uma língua, as mudanças linguísticas afetam a distribuição dos nós e links na rede, representando transformações na forma e no conteúdo, ao longo do tempo.

Traugott e Trousdale (2013) apresentam alguns micropassos que antecedem uma mudança linguística. De acordo com os autores, a mudança começa com microinovações em nível do construto, ou seja, no uso linguístico, porém, só é considerada mudança, quando há a convencionalização da microconstrução entre os usuários da língua. Os autores apresentam, então, os seguintes micropassos que atuam nesse processo:

1º - Inovação: quando o ouvinte interpreta e analisa o construto de uma maneira diferente daquela expressada pelo falante.

2º - Convencionalização: nesta parte, o ouvinte que reanalisou o construto de uma maneira diferente, começa a utilizar o construto com o novo significado, ou em diferentes contextos.

3º - Construcionalização: quando há a criação de uma nova microconstrução na rede, após a neoanálise semântica e morfossintática ser convencionalizada pelos falantes.

4º - Pós construcionalização: quando há a possibilidade da nova microconstrução expandir-se, causando uma reestruturação da rede linguística.

5º - Redução de forma: há uma redução de uso que pode chegar a zero, ocasionada pelo frequente uso do *token*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, o objetivo principal foi aprofundar a compreensão do funcionamento sintático, semântico e pragmático das microconstruções "SERÁ SE" e "SERASSE", desmembrando-se em objetivos específicos que incluíram a análise da formação dessas construções, em relação ao verbo SER com as conjunções "QUE" e "SE", bem como a investigação das situações de uso, considerando aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Além disso, buscamos esclarecer o papel das conjunções "QUE" e "SE" nessas construções e entender as motivações subjacentes à substituição de "QUE" por "SE". Também identificamos contextos de uso para caracterizar se essas expressões representam uma mudança construcional ou uma construcionalização.

Partindo da hipótese de que essas microconstruções derivam hierarquicamente de um domínio linguístico mais amplo representado pela construção "Será-X", exploramos como o uso de "Será se" pode ter licenciado a forma "Serasse". Admitimos a possibilidade de que "Serasse" não seja simplesmente uma substituição de "Será se", mas, sim, uma construção inovadora enriquecida com valores textuais e discursivos, como modalidade dubitativa e condicionalidade, que podem não ser tão proeminentes em "Será se". Além disso, identificamos a interseção dessas construções em diferentes domínios linguísticos, incluindo o domínio semântico da possibilidade.

Durante a pesquisa, exploramos a possibilidade de que o uso frequente da microconstrução "Será que" com valor condicional possa ter influenciado a substituição de "QUE" por "SE", uma vez que "SE" é tipicamente associado à condicionalidade na língua portuguesa. Também consideramos se "Será se" e "Serasse" passaram por um processo de construcionalidade, isto é, se estabeleceram relações sincrônicas que resultaram em mudanças na forma e no significado das sequências, ou se experimentaram mudanças construcionais, envolvendo alterações apenas na forma, ou no significado da construção.

Na abordagem construcional da gramática, a língua é considerada como uma rede de pares de forma e significado. Observamos também como a mente organiza, ou dispõe a rede conceptual do falante. Assim, por levarmos em consideração a visão construcional e cognitiva, nossa pesquisa se torna relevante, pois se insere no âmbito de estudos do Português brasileiro.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções se organizam por meio de uma rede, com nós e *links* de forma hierárquica. E, ainda de acordo com esse modelo construcional,

quanto maior a similaridade, ou o parentesco entre as construções, maior a probabilidade de elas se encontrarem mais próximas.

Com base nas análises teóricas e nos usos fornecidos, podemos afirmar que a construção "Será que" passou por mudanças construcionais ao longo do tempo. Embora tal construção mantenha seu valor original, conforme preconizado pela gramática normativa, em determinados contextos, observa-se que ela adquire uma função condicional. Além disso, a análise do *corpus* revela um aumento na frequência de seu uso em situações de possibilidades hipotéticas, tornando-o menos comum em seus contextos originais, de acordo com a gramática normativa. Isso pode ser uma das razões pelas quais os falantes estão substituindo "que" pelo "se", uma vez que o "se" no Português Brasileiro, além de ser um elemento altamente flexível, tanto como pronome quanto como conjunção, e, por isso, vem se tornando cada vez mais suscetível de expandir para diversos outros usos inovadores, e, na função de conjunção, exerce o valor prototípico de condicional.

Conforme afirmado por Bybee (2010), as mudanças construcionais ocorrem devido ao uso frequente e convencional de construções em contextos específicos. Esse uso frequente leva a processos de reanálise e reestruturação. Além disso, as mudanças na gramática de uma língua, ao longo do tempo, são impulsionadas pela frequência e pela saliência das construções, demonstrando a importância do uso na evolução da gramática.

No que diz respeito às mudanças construcionais, observa-se que os subcomponentes da construção são afetados. O verbo "será" no futuro do presente do indicativo, juntamente com o elemento "que", expressa funções conectivas. Essas mudanças ocorrem em níveis semânticos, sintáticos e morfológicos, mostrando que também faz parte da formação do "[Xque]_{CONNECT}" por meio do processo de construcionalização. Essa reconfiguração da construção é um exemplo claro de como as construções linguísticas evoluem e se adaptam, em resposta ao uso e às necessidades dos falantes.

Além da construção "Será que", com base nos usos relacionados neste texto, podemos concluir que a construção "Será se" também passou por mudanças construcionais significativas em sua forma e função, o que levou à construcionalização. A análise dessas mudanças revela que os subcomponentes da construção foram afetados, especialmente o verbo "ser" no futuro do presente do indicativo (será) e o elemento "se", que agora expressam funções conectivas.

Essas mudanças ocorrem em vários níveis, incluindo semântica, sintaxe e morfologia, resultando na formação de uma possível rede construcional para a construção "[Xse]_{CONNECT}". Tal processo reflete a adaptabilidade da língua, à medida que os falantes reorganizam e reestruturam construções para atender às suas necessidades comunicativas. As mudanças

construcionais são um fenômeno dinâmico e constante na evolução da linguagem, e a construção "Será se" é um exemplo notável desse processo de mudança e reconfiguração construcional.

Convém considerar que as mudanças linguísticas são um fenômeno intrínseco à evolução de uma língua e podem ocorrer de maneira gradual, afetando tanto a forma quanto o conteúdo das estruturas linguísticas. Elas frequentemente resultam na criação de novos "nós" na rede linguística, que representam novas construções, ou padrões linguísticos, como observamos no caso da construção "serasse".

Ao analisar uma língua, percebemos a redistribuição dos "nós" e "links" na rede. Isso significa que as relações entre as construções e os padrões de uso podem se alterar ao longo do tempo. Alguns "nós" podem se tornar mais proeminentes e estabelecidos, enquanto outros podem perder força, ou desaparecer completamente. Além disso, novos "links" podem ser estabelecidos entre construções que anteriormente não estavam conectadas.

Essa dinâmica na evolução da língua reflete a adaptabilidade e a flexibilidade inerentes à linguagem. À medida que os falantes se comunicam em diferentes contextos e gerações, a língua se ajusta e se desenvolve para acomodar suas necessidades de expressão. A observação dessa evolução é fundamental para a compreensão das mudanças, ao longo do tempo, e como novas construções e padrões surgem e se integram na rede linguística.

Dessa maneira, volta-se, à tese, para o levantamento e a análise interpretativa do processo de construcionalização das construções *Será se* e *Será que*, que confirmam a hipótese de haver um *chunking* no *Serasse*, já que há sequências de unidades que foram utilizadas em conjunto para formar uma unidade mais complexas.

REFERÊNCIAS

- ARENA, Ana Beatriz. **Construcionalização do conector “daí que” em perspectiva funcional centrada no uso**. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015
- BYBEE, J. L. Uma perspectiva da língua baseada no uso. *In*: BYBEE, J. L. **Língua, uso e cognição**. Tradução de: Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016. p. 17-34
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.
- CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado. (Orgs). **Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013, p. 12-39.
- CEZARIO, Maria Maura; SANTOS, Monique; SILVA, Thiago dos Santos. **Formação da construção [XQUE]conect no português**. E-escrita: Revista do curso de Letras da UNIABEU. v. 6, n. 3, p. 229-243, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1995>.
- CARMO, Sandra Maísa V. **Sintaxe e semântica do verbo ser no romance Em nome da terra de Vergílio Ferreira**. 2004. 239 f. Dissertação de Mestrado em Ensino da Língua e da Literatura Portuguesa. Universidade da Madeira, Funchal, 2004.
- COELHO, S. M. **Estudo diacrônico do processo de expansão gramatical e lexical dos itens ter, haver, ser, estar e ir na língua portuguesa**. 2006. 323 f. Tese de Doutorado em Linguística. Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- CROFT, William. 2001. **Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. Oxford: Oxford University Press.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.. **Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- FERRARI, L. V. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: princípios básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad/ FAPERJ, 2013. p. 13-39.
- FREITAG, R. M. K. Idade uma variável sociolinguística complexa. **Línguas & Letras**, v. 6, p. 105-12, 2005.

GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2016.

GONÇALVES, S. C. L. et. al.. **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicações**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its Application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2007.

NEVES, M. H. de M.. **Gramática funcional: interação, discurso e texto**. São Paulo: Contexto, 2018.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2010.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações. **Línguas & Letras** (Online), v. 17, p. 252-272, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12744/>

ROSÁRIO, Ivo Costa; OLIVEIRA, Mariângela Rios. **Funcionalismo e abordagem construcional da gramática**. Alfa: Revista de Linguística (UNESP. Online), v. 60, p. 233-259, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>

SABINO, Marília. C. **Construções com o verbo ser: uma abordagem centrada no uso**. 2020. 160 f. Tese de Doutorado em Estudos da Linguagem. Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, UFRN, Natal, no prelo.

SANTOS, M. L. **Semântica de condicionais e contexto**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

SANTOS, M. & CEZARIO, M. M. **Estudo cognitivo-funcional da formação da construção [xque]conec no português**. Rio de Janeiro: UFRJ, inédito.

TRAUGOTT, E.C; TROUSDALE, G. **Construcionalization and Constructional Changes**. Oxford: University Press, 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Verbo ser:** um verbo essencialmente gramatical. XII Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

VIEIRA, Márcia dos Santos M. **Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português.** Soletras, Rio de Janeiro, Dossiê 28, p. 99-125, jul.-dez., 2014.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore V. **Gramática da língua portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/discurso.** Coimbra: Almedina, 2001.